

Florianópolis (SC)
janeiro/fevereiro de 2011
Ano 5
Nº 26
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas

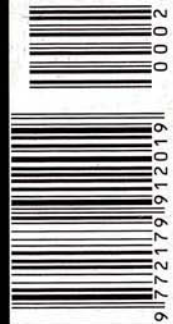
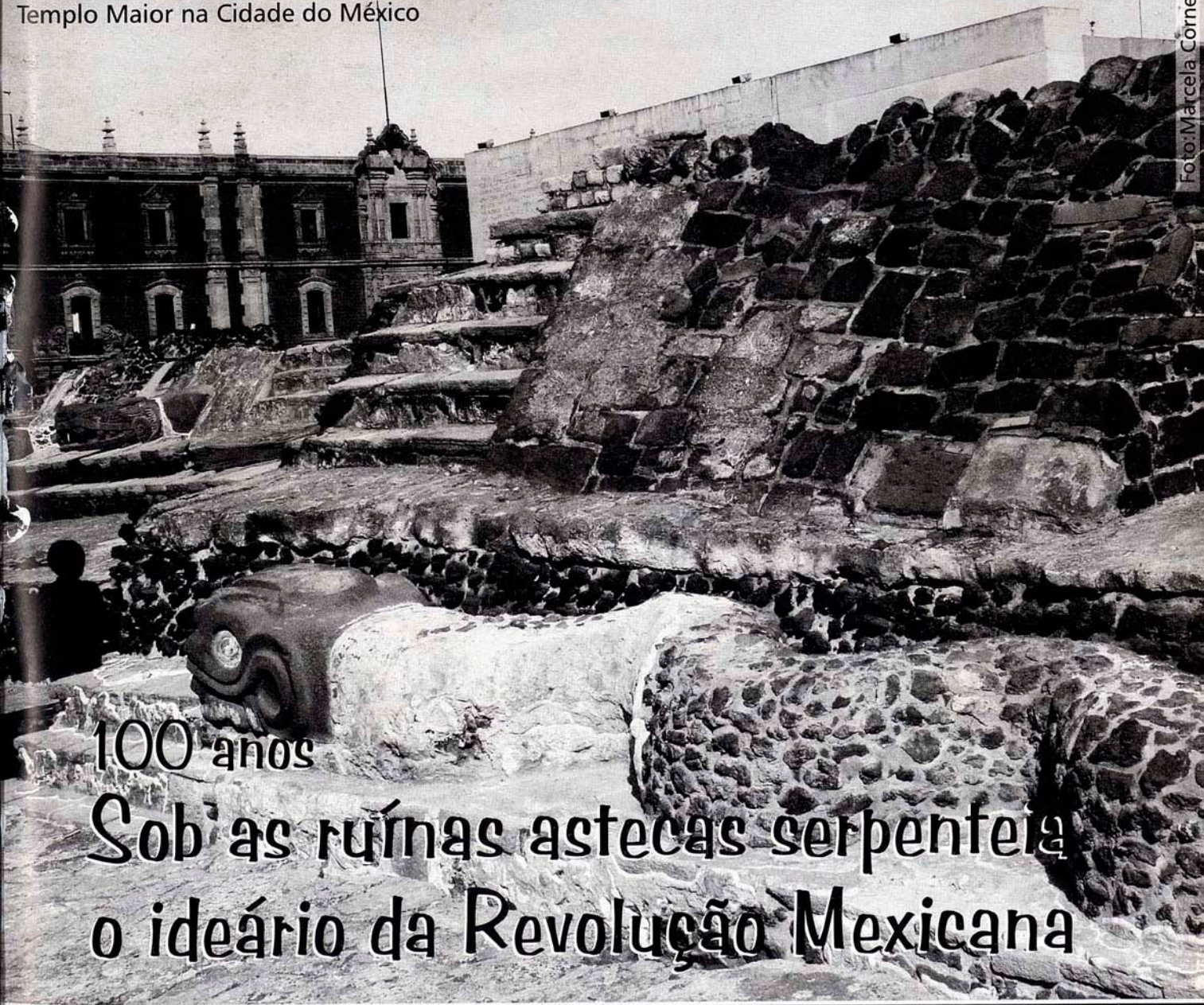


Foto: Marcela Cornelli

Templo Maior na Cidade do México



100 anos

Sob as ruínas astecas serpenteia
o ideário da Revolução Mexicana

"Nojenta" é a pessoa que questiona velhos valores, cria o novo e persegue vida boa e bonita para todos



14 Sob as ruínas astecas serpenteia o ideário da Revolução Mexicana

- 04 A videira da imortalidade
- 07 A origem do dinheiro
- 09 Atrás de cúmplices
- 10 O mundo é diferente da ponte pra cá...
- 14 Os encantos e mistérios da nossa América
- 16 Um povo que resiste em Abya Yala
- 20 Terra da eterna primavera
- 22 A vida em La Boca
- 24 Mil dias na praça

Seções

- 03 Editorial
P&N agora está na internet
- 26 Tempo Livre
Cuba no Carnaval e na *P&N*
- 26 Umas e outras
- 27 Poesia
Abraço frio

P7506 Revista Pobres e Nojentas.
Revista Pobres e Nojentas. – n. 1. (2006) – Florianópolis : RPCC, 2011

Mensal.
ISSN: 2179-9121

1. Antropologia social. 2. Cultura de massa - Brasil. 3. Capitalismo - sociologia. 4. Etnologia cultural. 5. Sociologia política. 6. Etnografia.

CDD 306

Catálogo na fonte: Maria Guilhermina Cunha Salasário CRB 14/802

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7 (Elaine Tavares)
 - Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

5 edições ao ano (bimestral): R\$ 25,00 (inclui as despesas com o Correio)



A Rede Popular Catarinense de Comunicação (RPCC) reúne veículos e entidades que compartilham textos, áudios, fotografias, dentro da lógica da soberania comunicacional, que pressupõe o controle coletivo dos meios e da produção de conteúdos, buscando a quebra do controle da informação exercido pelos grandes meios de comunicação do Estado.

www.redepopularcatarinensedecomunicacao.blogspot.com

twitter.com/redepopularcc
redepopularsc@gmail.com

Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Celso Vicenzi
- Elaine Tavares
- Fernando José Karl
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Mônica Fünfgelt
- Rosângela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi
- Sandra Werle

Edição

Elaine Tavares (MTb/SC 00501)
Míriam Santini de Abreu (MTb/RS 8077)

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens
Rosângela Bion de Assis (MTb/SC 00390)
Sandra Werle (MTb/SC 00515)

Revisão

Mônica Fünfgelt

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



P&N agora está na internet

O ano de 2011 começa com novidades para a Revista *Pobres & Nojentas* e a Rede Popular Catarinense de Comunicação (RPCC), uma articulação de entidades de comunicação popular que busca divulgar aquilo a que a mídia comercial não dá importância, como, por exemplo, as lutas populares, a cultura nativa e as experiências exitosas do povo organizado.

A Agência Contestado de Notícias Populares (www.agecon.org.br), com sede na cidade de Fraiburgo, tem novos recursos para facilitar o acesso à notícia. A página conta agora com vídeos e conexão às redes sociais como o Twitter. O espaço "Poesia em Luta" é uma dessas inovações para debater ideias, pensamentos, notícias. A cara nova

da Agecon reforça os desejos de transformação e mudanças necessárias para tornar a sociedade justa, humana, fraterna, solidária e igualitária.

O portal Desacato (www.desacato.info), que tem artigos de toda a América Latina discutindo os temas mais importantes do momento, também está a todo o vapor e apresenta uma novidade muito importante para o grupo da *Pobres & Nojentas*. A partir de um trabalho dedicado feito por Rosângela Bion de Assis e Wilmi Frantz, finalmente a revista, que nasceu em maio de 2006, agora está disponível em todas as suas antigas edições na rede mundial de computadores.

Assim, quem nunca conseguiu comprar uma "pobrecita" agora pode vê-la em formato PDF desde o primeiro número (<http://desacato.info/pobres-e-nojentas>). Esse era um desejo antigo da equipe da revista, mas que, por insuficiência tecnológica, só pôde se fazer realidade com a perseverante insistência do companheiro Raul

Fitipaldi, editor do Desacato. Além disso, também estamos no Facebook (*Pobres E Nojentas*), aos cuidados da jornalista Marcela Cornelli. Faz uma visita e entra na nossa Rede de amigos!

Essas novidades e trabalhos coletivos que vão se tecendo na solidariedade são os nós, seguros e ternos, que constroem a proposta de rede nascida lá na acolhedora Fraiburgo. Todos os dias, companheiros e companheiras, separados geograficamente, mas unidos no desejo de bem informar, preparam esse mosaico de histórias que apresentam ao mundo, certos de que só a cooperação e a unidade podem produzir os frutos suculentos da sociedade que sonhamos.

Convidamos então, a toda gente, para que acessem o sítio da Rede (www.redepopularcatarinensedecomunicacao.blogspot.com) e lá conheçam cada uma destas bonitas experiências de soberania comunicacional. O Estado de Santa Catarina vai se mostrando assim, na comunhão destas propostas que decidiram andar pelo caminho da solidariedade concreta. É por isso também que a equipe da revista agradece a bibliotecária Maria Guilhermina Cunha Salasário, que fez a Ficha Catalográfica da *P&N*.

Aleida Guevara March, filha de Che Guevara, lê *P&N* especial sobre Cuba em palestra realizada em Florianópolis (SC)

P&N tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresenojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Facebook
Pobres E Nojentas

P&N no You Tube

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

P&N no Twitter

www.twitter.com/pobresenojentas

Blog da P&N teórica

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>

Blog da P&N: <http://pobresenojentas.blogspot.com>



Prólogo

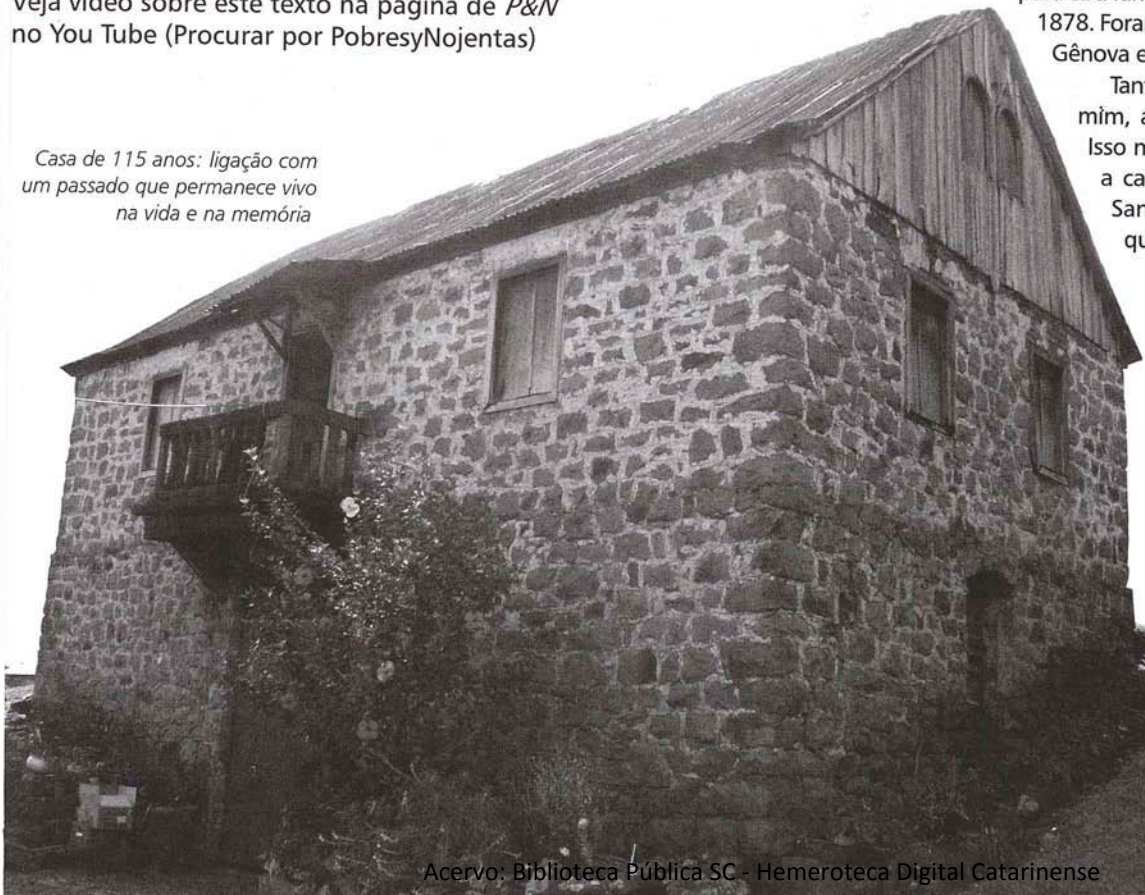
Diz a lenda que Gilgamesh, o deus-homem, partiu em busca da imortalidade. A história dele foi escrita pelo menos 1.500 anos antes das de Homero, e preservada em tabletas de argila nas línguas suméria, hitita e babilônia. Uma das tabuinhas conta que, no caminho, ele encontra a taberneira Siduri. Ela diz ao herói que os deuses atribuíram a morte à humanidade. Por isso, a busca dele é em vão. E assim ela conclui:

***“Tu, Gilgamesh, que teu ventre esteja cheio,
noite e dia, regozija-te,
festeja cada dia,
dia e noite dança e brinca.
Que teus trajas sejam limpos,
que tua cabeça esteja lavada, que te tenhas
banhado na água;
olha o pequenino que te segura pela mão;
que uma esposa se regozije em teu seio:
é tudo quanto pode o homem fazer!”.***

Mas Gilgamesh continuou a busca.

Veja vídeo sobre este texto na página de *P&N* no You Tube (Procurar por PobresyNojentas)

*Casa de 115 anos: ligação com
um passado que permanece vivo
na vida e na memória*



A videira

*N*ão recordo a idade que tinha quando vi pela primeira vez o livro com a árvore genealógica de Ângelo Santini e Maria Paláuro Santini. A apresentação da primeira edição era feita pelo padre Eugênio Santini - um de seus netos - e datava de 25 de março de 1966. Um ano antes - 1965 - havia se completado o primeiro centenário do casamento de Ângelo e Maria. O título do livro nomeia "Enlace Matrimonial".

Mas é certo que eu estava com oito anos quando a família fez uma festa - da qual me lembro de um ou outro instante - para marcar o primeiro centenário da chegada do casal ao Brasil, que ocorreu em 1878. Eles nasceram em Pérgine e Costasavina, localidades perto de Trento, no norte da Itália. Eram, na época, terras da Áustria. O casal se uniu em 1863, e teve quatro filhos, família mantida em Pérgine graças à agricultura. Houve um dia, porém, em que chuvas torrenciais quase destruíram Pérgine. Era preciso recomençar. Havia boas notícias e promessas sobre o Brasil, e então para cá a família embarcou em 11 de setembro de 1878. Foram 29 dias entre a partida do porto de Gênova e a chegada ao Rio de Janeiro.

Tanto o livro quanto a história eram, para mim, apenas alvo de curiosidade infantil. Isso mudou quando, pela primeira vez, vi a casa onde morou meu bisavô Emílio Santini e sua família. Emílio, um dos quatro filhos de Ângelo e Maria, tinha 10 anos quando os pais emigraram. E ele, por sua vez, teve 14 filhos. Quando estava com 67 anos, Emílio, a pedido de um dos filhos, o padre Cândido, escreveu sua história. Era o ano de 1933. Aqui já é preciso esclarecer para evitar confusão: dos 14 filhos de Emílio, três foram ordenados padres na Companhia de Jesus e uma filha, Lidovina, consagrou-se a Deus na Congregação das Irmãs de São José de Chambery. Por não ter vocação religiosa, outro filho, Feliciano, pai de minha mãe, semeou-se de outras formas e graças também a ele estou aqui para contar esta história.

Por conhecer a velha casa,

da imortalidade

Texto e fotos: **Miriam Santini de Abreu, de Caxias do Sul (RS)**

já com uns 115 anos, reli o livro. E o que tinha apenas algo de curioso virou algo fundante, um Enlace entre os fios rompidos em mim com a teia completa, porque agora desaparecida, com esses homens e mulheres que já partiram e aqui deixaram tantos outros.

Coraggio!

O livro de 129 páginas que reli – ampliado em relação à edição anterior – é cheio de nomes e datas. Da página 3 até a 15, são narradas as memórias de Emílio, escritas originalmente em italiano, quando os dias chuvosos não permitiam o trabalho fora de casa.

Padre Eugênio, que organizou o relato, conta que o trajeto do Rio de Janeiro até Porto Alegre – onde desembarcaram em 1º de novembro, foi no navio Itaqui; da Capital até São Sebastião do Caí, num vaporzinho movido a rodas; e do Caí até Santa Catarina da Feliz, foram os imigrantes conduzidos por duas carretas e dez mulas. Em Feliz, depois de passarem a noite nos barracões onde os imigrantes era recebidos, tiveram a notícia de que só a tropa de mulas seguiria viagem, porque carreta não passava nos caminhos estreitos e lamacentos. Assim chegaram a Nova Palmira e, em 9 de novembro, a Caxias do Sul, então chamada de Colônia de Caxias.

Com os Santini subiram a Serra também os Costamilan,

e assim eram 15 a encontrar, no destino tão almejado, um imenso barracão, lotado de imigrantes. Emílio lembrava que o lugar “parecia-se mais à uma estrebaria e privada a descoberto do que à uma habitação de homens”. Ali o tifo já fazia vítimas. Por sorte, no dia seguinte, amigos de Pérgine, que haviam chegado três anos antes, convidaram os Santini e os Costamilan a se alojar em sua propriedade.

Mas Ângelo Santini, como diz o filho Eugênio, “não era homem de ficar aí esperando que os passarinhos lhe caíssem fritos na boca”. Procurou o Intendente (hoje, o equivalente ao prefeito), tentou negociar, e saiu de lá com um machado, uma enxada, uma foice e ferramentas para construir uma casa.

Achar uma colônia para tentar a vida foi difícil. Ângelo tinha apenas quatro moedinhas de ouro – cerca de oito mil réis. Só para o terreno mais próximo de onde queria, precisava gastar três mil réis. Mas encontrou um na Segunda Légua. O bisavô lembrava que, na mata fechada, a caminho do novo lar, havia bandos dos bugios. Os meninos se divertiam, enquanto as duas mulheres – a Costamilan e a Santini – exclamavam, apavoradas: “Maria Vergine, che brute bestie!”. Eram tantos os bichos e tanta a floresta que as mulheres não conseguiam esconder o temor. E então dizia Maria Santini: “Coraggio, benedetta di Dio e avanti!”.

Para construir a primeira casa, Ângelo gastou todas as economias, e precisou trabalhar em Caxias durante um mês. Na volta, ele e Maria começaram a preparar toras e serrar tábuas para construir uma casa maior. Mais uma vez, ele retornou a Caxias, por três meses, para reforçar o caixa e esperar que a madeira verde e serrada ficasse seca para a construção. A moradia nova media seis por quatro metros, medida dos parcos recursos de Ângelo. Com a ajuda dos moradores locais, ergueu-se também a primeira capela de madeira, e o lugar ficou conhecido pelo nome de Segunda Légua de São Valentim.

Com o passar do tempo, Ângelo e Emílio, os filhos mais velhos, pensaram em se casar e assim foi preciso construir uma nova moradia, esta de alvenaria e com um amplo sobrado. Ângelo casou com Constância Giordani em 1889 e Emílio com

Ângela, irmã de Constância, em 1893.

A busca de uma cama

Foi nesta velha casa de pedras que eu entrei há alguns anos. De tudo o que amei dentro e fora dela, tocou-me em especial uma antiga penteadeira com o espelho já todo manchado. Enxergar ali o meu rosto borrado, num átimo, me ligou a todos os outros rostos que também um dia ali se debruçaram para ajeitar uma mecha de cabelo, alisar o canto de uma blusa bordada, gestos individuais de uma história que, no geral, se conhece. Mas eu desejei vislumbrar, naquele espelho, a história que é incontável, porque só pertence a nós. Os medos, os segretos desejos, a tristeza que às vezes só toleramos em honra dos que, antes de nós, também se exauriram em longas jornadas e não tombaram. Essas histórias não estão nos livros, mas

A cama de Emílio e Ângela hoje está em um Museu de Caxias do Sul





Acima, altar-mor da Capela da comunidade foi construído por Emílio. Nos cestos trançados está expresso o trabalho da colheita das uvas

pensei que elas poderiam ser capturadas no espelho se alguém tivesse o dom de ali olhar e colher, como se flores fossem, todos os piscares, lágrimas, movimentos de lábios, que, em fatias de segundos, deixassem transparecer uns fios desses segredos.

Quem mora na frente da casa de Emílio e dela cuida é a família de Aldina Caberlon. Aldina foi casada com Severino Santini, por sua vez filho de Clemente, irmão de meu avô Feliciano, um dos filhos do bisavô Emílio. São muitos os laços. Atualmente este ramo dos Santini, como seus antepassados, vive da agricultura, especialmente do cultivo de parreirais.

No Natal do ano passado estive novamente lá com minha família. Ainda há objetos e peças de muitas décadas atrás e, sedenta, fui procurar a penteadeira. Estava no sótão, e era como eu me lembrava. Estranho como para certos encantos a gente não encontra palavras...

Pedimos aos parentes se era possível visitar a Capela – construída em 1910 e cujo altar-mor e a mesa de comunhão também foram fabricados por meu bisavô – e o cemitério, onde repousam Maria e Ângelo e Emílio e Ângela. Sandra, neta de Aldina, nos acompanhou, e

foi sob os jazigos dos antepassados que nos abrigamos de uma violenta tempestade de verão.

Além de descobrir que meu bisavô era exímio marceneiro, soube que tinha ouvido musical, que lhe permitia assimilar qualquer melodia e mostrar talento com a harmônica. Já minha bisavô Ângela foi parteira durante 17 anos, e era montada a cavalo que ia atender mulheres prestes a parir seus filhos, inclusive as de ascendência alemã. Ela aprendera o dialeto local quando fora ajudar uma família alemã nos trabalhos domésticos.

Os meus parentes haviam contado que a prefeitura levava para o Museu da Casa de Pedra – um dos cartões-postais de Caxias do Sul, originalmente construída pelos Lucchese no final do século 19 – a cama de meu bisavô Emílio. Estive no Museu, fotografei as duas camas lá expostas, mas não souberam me informar a origem dos objetos. A dica foi procurar no Arquivo Histórico ou no Museu Municipal. Pesquisei em ambos, mas a dúvida permanecia porque nas camas não havia registro ou numeração.

Poucos dias antes de voltar a Florianópolis, recebo uma mensagem do Igor Santini, o neto de Aldina Caberlon com quem eu havia, através de e-mail, desfeito algumas dúvidas a respeito da família. A mensagem era a reprodução de um pedido enviado a ele por Marizete Eliza Ferrazza Raimann, do Registro e Catalogação de Acervo do Museu Municipal de Caxias. Ela soube, pelas funcionárias, que eu estivera lá atrás de informações. Mari pesquisou, então, nas antigas Fichas de Registros e no Livro de Doações, encontrou o que eu buscava e descobriu um modo de me informar.

Nos recibos constava que as duas camas no Museu da Casa de Pedra haviam sido doadas em 1975: uma delas registrada com o número 2349 - doação de Severino Leopoldo Santini. Naquele ano houve doações porque

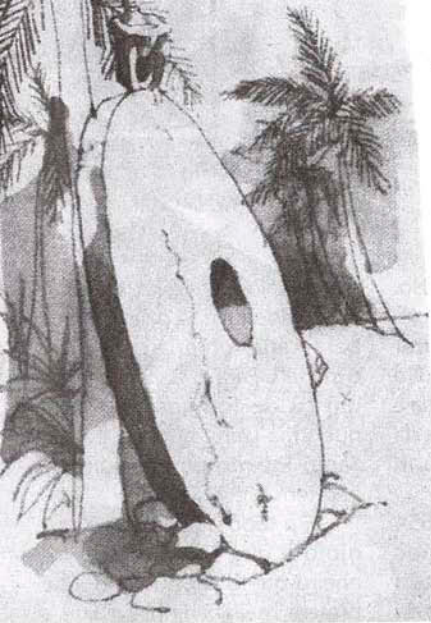
era o centenário da imigração italiana para o Brasil e a prefeitura comprou e transformou a antiga propriedade dos Lucchese (e depois de outros proprietários) em Museu.

Como a Ficha de Registro descrevia as camas, pude reconhecer qual delas era a de meu bisavô, especialmente por causa das “cabeceiras detalhadas em torneados”, conforme o registro. A informação chegou a mim, contaram-me as servidoras públicas Josiane Trevizan Benedetti e Gessi Toledo de Almeida, porque a equipe do Museu ligou para os Santini na lista telefônica até localizar quem conhecesse Severino, o já falecido doador da cama. Desta forma encontraram Aldina e Igor. E assim, unindo fios, posso agora ver naquele objeto uma história de recordações que não tenho, mas de fatos que se ligam à minha vida. A minha peregrinação naquelas terras onde as vinhas fecundam me fez mais inteira.

Dentro do espelho

No Natal passado, quando visitei novamente a casa, pedi a meu irmão César para me fotografar olhando para a antiga penteadeira. Agora fico a observar meu rosto no velho espelho, que assim também me capturou. E ali, nos meus olhos, eu pressinto os fios dos meus segredos. Em meio à terra que fez vingar tantas safras de uvas, eu consegui capturar a infundável, às vezes terna, outras vezes rude, teia que nos liga a todos, daqui ao passado e daqui ao futuro, a imortalidade que Gilgamesh, o deus-homem, procurava.

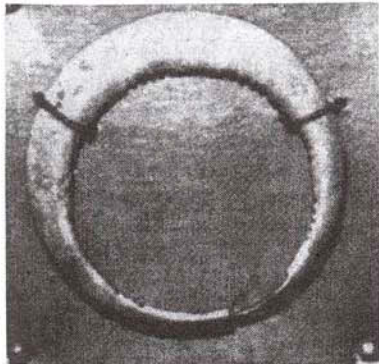
Sim, taberneira Siduri, estavas certa. O mito conta que Gilgamesh encontrou a flor da imortalidade, mas a perdeu porque uma serpente percebeu a sua suavidade e a arrastou para o fundo das águas. Mas Gilgamesh tornou-se imortal porque, ao retornar para o seu reino, gravou toda a história de sua saga em pedra. E histórias e pedras perduram.



Os habitantes da ilha Yap, na Indonésia, ainda hoje se servem de "moedas" primitivas de pedra, cujas proporções colossais impedem o transporte comum. Depositam o dinheiro em frente de suas casas afim de expor a sua opulência.



O primeiro dinheiro utilizado pelos colonos canadenses constituía-se de cartas de baralho assinadas pelo governador.



Dinheiro antigo em forma de anel de ouro, prata e bronze que servia como tipo prático de moeda.

A origem do dinheiro

Leia a seguir uma breve história da evolução do mais cobiçado dos objetos

Texto: Fernando José Karl,
de São Bento do Sul (SC)

Para muitos de nós, não é o amor que move o sol e as outras estrelas, mas o dinheiro, que pode ser qualquer coisa que os cidadãos concordem em receber em troca dos objetos que venderam ou em remuneração pelo trabalho realizado. Com o dinheiro compra-se alimento, roupa ou livro. As pessoas pagam por serviços como, por exemplo, corte de cabelo, assistência hospitalar ou aluguel de casa.

Quando o menino era menino, os braços suspensos e a vontade de que o regato fosse um rio e que a correnteza acordasse o pântano em burburinhos de mar. Tudo era menino e não sabia. Fugas furtivas, nenhuma poeira sobre as palavras e somente um redemoinho pousado sobre os cabelos. Fotos límpidas, pois tudo era encantado.

A alma é divina e a obra é imperfeita. Contudo, a pergunta que não quer calar é: mas, afinal, qual a origem do dinheiro?

O primeiro dinheiro: antigamente, para evitar alguns dos problemas do escambo (método de negociar ou de trocar mercadorias), as pessoas aceitavam certos objetos em troca de determinado produto. Esses objetos serviram como a primeira forma de dinheiro, entre os quais estavam peles de animais, peixe,

casco de tartaruga, cereais, boi, sal, conchas e objetos de metal: anzóis, enxadas, panelas e anéis.

Navegar é preciso, viver não é preciso.

Várias tribos da antiguidade calculavam o valor de seu dinheiro e o preço das mercadorias de maneira muito original. Suponha-se, por exemplo, que um homem tivesse 10 peixes e 10 peixes valessem um saco de sal. Esse homem poderia comprar uma canoa que tivesse o valor de um saco de sal. Dessa forma, o saco de sal servia como padrão de valor monetário.

Quando o menino era menino, era tempo de perguntas de menino. Por que eu sou eu e não você? A aurora do tempo é aqui? O anoitecer do espaço é ali? Acaso a vida sob o sol não seria miragem? Ah! O menino tem sede de respirar.

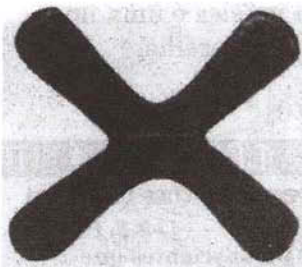
Com o passar dos ventos e das horas e dos dias e dos anos, por ser mais prático, as pessoas daquela época pra lá de antiga principiaram a usar o dinheiro de metal, e o motivo é singelo: o metal custava a estragar. Os historiadores afirmam que os chineses, no século 12, costumavam forjar no feérico fogo peças de metal, cunhadas para servir de dinheiro; dinheiro esse que tinha o curioso formato de miniaturas de pás de bronze, facas e outras ferramentas que tais.

Nos primórdios da aparição do dinheiro, a prata e o ouro, por serem escassos, tornaram-se visceralmente preciosos. Os indivíduos, por isso, passaram a valorizar braceletes, anéis, colares e outros ornamentos fabricados com esses metais nobres e com eles saíam adornados, quer dizer, levavam seu dinheiro distribuído pelo próprio corpo: pulsos, dedos, pescoços.

As primeiras moedas de que se têm notícia foram cunhadas com a intenção de confirmar o valor do dinheiro de metal. Quem detivesse o poder, na ocasião, mandava emitir moedas cunhadas com figuras que lhes preservassem o valor.

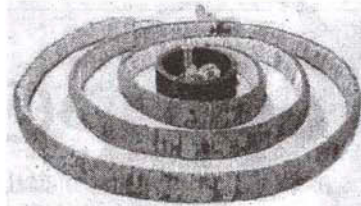
As primeiras moedas só foram cunhadas durante o século 7 a.C., na Lídia, um país situado onde hoje é a Turquia. Estátères eram os nomes dessas moedas. Nome lídio para padrão, cada státère era originariamente o nome de uma unidade de peso fabricada com certa mistura de prata e ouro.

A angústia me atordo porque parte de mim acredita e a outra não crê em coisa alguma. De olhos fechados, fechá-los ainda mais, então até as pedras terão vida. Tenho tanto que ver: a névoa do vale do sol, o sol, o fogo à beira dos pastos, o oriente lendário, o grande lago dos Ursos, o

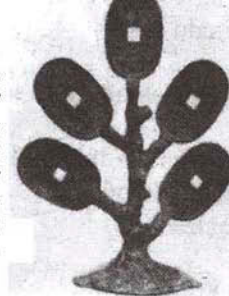


O dinheiro de tribos de África Central compreendia, algumas vezes, uma cruz de cobre. Um determinado número de cruzes comprava uma esposa.

Penas de aves selvagens já foram utilizadas por homens da tribo da ilha de Santa Cruz (nordeste da Austrália) para fazer uma espécie rara de dinheiro.



A "Árvore do Dinheiro" japonesa tinha moedas que podiam ser quebradas dos galhos. Data do século 19.



delta do Mississipi, a luz da manhã, os olhos dos meninos, as marcas das primeiras chuvas, o pão e o vinho, as nervuras das folhas, as pedras redondas aconchegantes no leito do rio, a toalha branca no varal, o sonho, a casa, alguém sonhando no quarto ao lado num domingo tranquilo, a bicicleta e o vento, a bela desconhecida.

Na China é que foi impresso o primeiro papel-moeda. Nos fins do século 13 d.C., o navegante italiano Marco Polo flagrou sua circulação por todos os cantos da terra chinesa, e até levou algumas como presente para o imperador Gengis Khan, que por elas ficou fascinado durante um verão inteiro.

Na antiga Roma, montes de sal eram usados como dinheiro para pagar soldados. Daí é que surgiu a palavra "salário".

As cédulas monetárias que hoje fruímos evoluíram a partir de uma prática que teve seu início na Inglaterra, no século 17. Após o Anno de 1650, o uso do papel-moeda se expandiu muito com a construção dos primeiros bancos nacionais. Para citar um exemplo, o Banco da Suécia, fundado em 1656, chegou a imprimir notas bancárias de papel.

Já na América do Norte, o papel-moeda marcou sua presença, pela primeira vez, no Anno de 1685. E, vejam só, de cartas de baralho eram esses papéis-moedas, timbrados com um valor determinado, e cada carta só passava a ter valor depois que o governador colonial a assinasse.

As ervilhas, o arroz com leite, os espinafres engasgavam o menino, que acordou certa vez numa casa estranha, e uma e outra vez. Todos lhe pareciam belos. Agora que cresceu, apenas intui o paraíso que antes tão claramente sua imaginação abrigava. Quando menino, nada podia pensar de nada, mas hoje essa consciência o estremece. Do entusiasmo que tinha para as brincadeiras de infância, hoje apenas lhe restou, depois que se tornou adulto, o destino egoísta de envolver-se com que seja apenas o seu trabalho.

Logo na chegada, no Anno de 1500, das caravelas de Cabral em Porto Seguro/Bahia – que marca oficialmente o descobrimento do Brasil –, os índios costumavam usar o pau-brasil como moeda de troca com os portugueses invasores. Logo em seguida, por conta das frequentes viagens dos navegantes lusitanos cá por terras brasílicas, a moeda portuguesa foi sendo sorrateiramente introduzida entre as gentes daqui. Assim é que se implantou, pelo governo de Portugal, o primeiro sistema monetário deste país das brundangas ou Brasil.

E o padrão monetário que se impôs garganta abaixo de nosso povo ancestral – ou os primeiros brasileiros – foi o real (no plural, réis), mas cuja unidade, na prática, era o mil-réis. Esse sistema monetário colonianista, pasmem todos, teve sua vigência até 1942.

Até os fins do século 16, o dinheiro que circulava aqui no

Brasil ainda era muito escasso. Muitas coisas serviam para representar o dinheiro. O açúcar estava em primeiro lugar. No Maranhão o pano de algodão é que era o dinheiro. Na costa da Bahia usava-se a concha de um molusco chamado zimbo.

Nos anos de 1645 e 1654 cunharam-se as primeiras moedas no Brasil e a primeira Casa da Moeda foi edificada na Bahia.

No princípio do século 19, a mais comum das moedas de troca era a de cobre. As primeiras cédulas brasileiras foram impressas só em 1808, ano em que Dom João VI fundou o Banco do Brasil.

Durante o reinado de Dom Pedro II, as moedas que começaram a circular no Brasil eram de outros metais: bronze, prata e ouro.

As moedas de ouro eras assim designadas: dobrão; meiodobão. As de prata eram as patacas. As de cobre eram os vinténs.

Um verso dos Vedas diz: "O que você vê você se torna".

Se só vemos um retângulo de papel ou moeda de ouro e não vemos o mar ou a vida, nos tornamos um retângulo de papel ou moeda de ouro.

Os que adoram apenas o dinheiro são naturalmente corruptos e têm os olhos amarelos e a mandíbula escura. Vivem sós num palácio com muito mármore e súditos. Despertam de noite e gritam. Não amam a nada, porque o que mais agrada aos corruptos é a podridão de um poder triste.

Se me indagam pra que

serve qualquer palavra, costume citar Heidegger: "A palavra é boa para nada; própria para dizer o nada". Para o Santo Espírito um cú de formiga vale mais que uma usina nuclear; para o Santo Espírito um ser humano não tem preço.

E a todo aquele que é corrupto e que adora mais o dinheiro que o ser humano, que prefere mais o dinheiro que a alma, a este corrupto eu quero dizer, em alto e bom tom, que todo corrupto se parece muito com aquele torturador nazista que costurava, pra se divertir, a vagina de uma mulher com uma ratazana dentro. E por que o torturador nazista agia assim? É que ele tinha ratanzas na alma. Também aquele que adora só o dinheiro tem ratanzas na alma.

O demônio é aquele que quer a coisa concreta. Ele é o grande realizador que diz que algo que não tem existência na realidade concreta não é simplesmente real.

E porque pede-se ao homem que tenha a simplicidade do invisível, eu invoco agora a proteção das Tágides e das ninfas do Spree e vocifero aos quatro ventos: o dinheiro não é a medida do humano, porque a medida do humano é a vida, é o amor que, segundo Djavan, é exato e não cabe em si; amor que, por ser cantado, revela-se; por ser amor, invade e fim.

(*) Os textos em negrito são do roteiro de "Asas do Desejo" – considerado pelos críticos o mais belo filme do século 20 –, do escritor Peter Handke e do cineasta Wim Wenders.

Atrás de cúmplices

Texto: Raul Fitipaldi,
de Florianópolis

A discussão sobre o diploma de jornalista, marcada pelo oportunismo das empresas monopólicas de comunicação, a "fraqueza espiritual" do governo federal e a podridão da Justiça e do Congresso Brasileiro, pretendeu confundir e ocultar o direito das pessoas (incluindo nós, jornalistas) à liberdade de dissentir, de defender suas ideias e de comunicar-se ao seu modo. Tentaram servir um prato feito, no qual o diploma era desnecessário, de modo que as empresas tivessem a liberdade de contratar garantidores de rating ou pagassem salários mais míseros ainda a jornalistas fashion e moldáveis para apresentar seus produtos modeladores de opinião, conhecidos sob a alcunha de notícias. Por tabela, para

que o espectro informativo e comunicacional fosse tomado de assalto por opinólogos de ofício e proto-candidatos a qualquer coisa, induziram à ideia de que em nenhum caso é necessária a técnica para que as pessoas cumpram o papel de comunicadores, basta ter acesso a um computador. Comunicar é uma das funções do jornalista, sua finalidade principal. No entanto, o jardineiro e o engenheiro, a nutricionista e a faxineira, todos podem se comunicar, E DEVEM. Às vezes precisa-se de um jornalista, às vezes não; para entrar nos sítios de relação social não se necessita, para garantir a qualidade de compreensão de um texto noticioso, sim. No meio disso, há uma parte pequena da categoria jorna-

lística (muito pequena ainda) que dedica boa parte da vida a fazer comunicação e jornalismo de maneira militante, por convicção ideológica, por princípios humanistas, pela sua ética social, pela Soberania Comunicacional da Comunidade e dos Povos.

Santa Catarina vem se servindo de um grupo desses jornalistas vinculados também com diversos grupos de comunicadores sociais formados por intelectuais, trabalhadores, estudantes, agricultores, líderes de setores minoritários da sociedade, ecologistas, e mais. Jamais, em momento algum, nenhuma das profissões dos que exercemos o direito humano da comunicação têm sido empecilho ou vantagem para nosso relacionamento entre nós ou com aqueles que, construindo o dia-a-dia na sua casa, na sua comunidade, na sua família social ou de trabalho, tem coisas a dizer e as publicam.

O extraordinário motivador da nossa vontade comunicacional, para a qual técnicas diversas e conhecimentos variados só vem a qualificar o que se diz ou se escreve, está formado pelos ingredientes tradicionais da luta contemporânea: a injustiça, a repressão, o desemprego, a miséria, a precariedade, a acumulação da riqueza nas mãos parasitas de poucos, a privatização do Estado e o desleixo do próprio Estado burguês, discriminador e preconceituoso.

É necessário que uma

trabalhadora possa denunciar que não tem creche para seu filho. Que um agricultor denuncie se é escravizado na sua atividade. Que um advogado denuncie uma injustiça por discriminação de qualquer natureza. Que um jornalista coloque sua técnica à disposição da luta da sua família social. É necessário que todas as vozes e as palavras se reúnam em afã libertador. Para isso a militância comunicacional precisa ser ampla, tolerante, aberta, popular, constante, e deve marchar desde o computador até a rua, o lugar onde dirimimos nosso tamanho perante a exploração.

Esta tarefa de comunicar como alternativa ao poder central dos monopólios privados e do Estado injusto precisa crescer. Ela é fascinante, é um convite ecumênico onde os ateus ficamos à vontade e dele fazemos parte. É um romance delicado, ao pé do ouvido com a nossa grande namorada, a população da qual formamos parte indivisível. É a saborosa cadeia que, unindo vocábulos e palavras, frases e mãos, se levanta inquieta e sensual para lutar por nossos direitos, os direitos dos pobres e dos livres. Ser cúmplice, ou procurá-los em uma ação amorosa e central que todos, em Rede Popular e Libertária, devemos formar para conquistar a Soberania Comunicacional. Vamos juntos, jornalistas devidamente diplomados e comunicadores sociais, até que a noite amanheça.

Ilustração: Camila Bion de Assis



O mundo é diferente da ponte pra cá...

* Frase da música "Da ponte pra cá", de Racionais MC's

Texto e fotos: Marcela Cornelli, de Florianópolis



Maura: caminho que leva às casas é perigoso

"Todos já podem saber que o Morro é nosso. Porque nós moramos aqui. E a terra é de quem mora nela"

10 *Nosso Jornal*, elaborado pelos moradores e distribuído no Morro da Caixa, em Florianópolis, em junho de 1982

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em 1958 as primeiras famílias ocuparam o Morro da Caixa, no Continente, em Florianópolis. A Avenida Ivo Silveira, uma das maiores e mais movimentadas da capital catarinense, que hoje divide o Morro em dois, parte alta e parte baixa, é um dos principais acessos à ponte Pedro Ivo Campos para entrar na Capital do Estado. No entanto, o que divide a população do Morro da Caixa, no Continente, e a Ilha da Magia não é só uma ponte. O tratamento dado aos moradores do outro lado da Beira Mar Norte, considerado um bairro nobre da capital catarinense, é diferente dos que vivem da ponte pra cá. Enquanto a Prefeitura gasta nove milhões, segundo dados divulgados na imprensa, para revitalizar a Avenida Beira Mar Norte em Florianópolis, onde novos prédios de luxo surgem todos os dias, moradores da encosta da Ivo Silveira, na comunidade do Morro da Caixa, correm o risco de ver sua casa desabar a qualquer momento. É claro que nem todo o bairro da Ilha da Magia, a exemplo da Beira Mar Norte, dispõe de um orçamento tão generoso da Prefeitura. Há na Ilha muita pobreza, mas a mídia não mostra. Também há uma riqueza que esbanja, como mostrou o vídeo que está no Youtube, com milionários em Jurerê Internacional rasgando dinheiro. A lógica do mercado para Florianópolis é mais ou menos essa, um heliponto na Beira Mar Norte e uma maquiagem, que a primeira enxurrada levou, na encosta da Ivo Silveira. É o capitalismo com tudo o que tem de melhor, para quem tem

dinheiro, e extremamente cruel para as comunidades mais empobrecidas.

O Morro da Caixa leva esse nome devido a uma caixa d'água que a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casas) instalou ali anos atrás. "O Morro ainda não tinha sido posto abaixo com dinamites para abrir a Avenida Ivo Silveira. Era uma área de pasto, longa e verde, onde as primeiras famílias que viviam ali criavam seus animais de estimação e plantavam sua comida", conta Erna Hoehcsprung, 85 anos, moradora mais idosa do Morro da Caixa e uma das primeiras a chegar na comunidade.

O Morro da Caixa foi dividido em duas partes e separado da região de Coqueiros, outro bairro nobre na cidade. Ali do alto da comunidade veem-se belas paisagens e belos prédios, tanto em Coqueiros como do outro lado da ponte, na Avenida Beira Mar Norte. No Morro todos são unânimes: "gostamos daqui e não queremos sair". Basta andar pelas ruas da comunidade e conhecer seus moradores, suas histórias, para ver que ali as pessoas vivem em paz, são felizes no seu pedaço de chão. O que falta mesmo é mais atenção por parte do poder público para melhorar as condições de algumas famílias que ainda sofrem com a falta de saneamento básico. O posto de saúde fica em um local inadequado, no topo de uma ladeira, dificultando o acesso dos moradores mais velhos e com deficiências físicas, como os cadeirantes. Mas uma das principais lutas da comunidade atualmente é busca solução para o barranco que a qualquer hora pode desmoronar, que dificulta o acesso às casas e que está cheio de lixo e entulhos, proliferando mosquitos e ratos. A cada chuva a preocupação com a encosta aumenta.

"Gosto de tudo aqui no Morro, só não do barranco. É perigoso para os moradores. Eu já nem passo mais por lá. Para não descer a escada dou a volta em toda a comunidade. Até para ir ao mercado, que é logo aqui pertinho, preciso dar uma volta enorme. Para lá da ponte fazem muita coisa, para nós, muito pouco", diz Maura Souza Soares, 79 anos. Leleca, como é conhecida na comunidade, vive no Morro da Caixa há 50 anos. "Quando chegamos aqui não tínhamos nem água, nem luz. Lembro que havia poucas casas no morro, alguns cavalos e animais no pasto e uma bica d'água abastecida pelo Rio Cubatão que todos usavam. Criei meu filho aqui, daqui não quero sair".

A comunidade ficou literalmente às margens da Avenida Ivo Silveira até dois anos atrás, quando parte da encosta desabou atrapalhando o trânsito local. A Prefeitura, então, após muita mobilização da comunidade, fez uma "maquiagem" no Morro, como frisam os moradores, que foi literalmente "lavada" pela primeira enxurrada. Os canos de ferro que sustentavam a encosta rolaram morro abaixo e ficaram jogados no pé da encosta, sendo levados por quem passava no local. Em matéria veiculada em um programa de TV local, na Secretaria do Continente se acusou a comunidade de ter furtado tais pedaços de ferro que se soltaram, o que chocou os moradores.

Moradora mais recente, Beatriz Sansão vive em uma das partes mais críticas da encosta. Sua casa fica de frente para o barranco de terra desmoronado. "O que está segurando a outra parte do barranco é o mato, mas este dá muito mosquito e tem ainda entulhos e restos de construções, que a Prefeitura não pode nem mexer senão desmorona tudo de vez", diz, preocupada, Beatriz. "Há muitos ratos aqui e nos preocupamos com as crianças que brincam no local. Medo de permanecer aqui a gente tem, mas fazer o quê? É a única casa que temos para morar".

Risoleta Manoel Nascimento, Leta, veio de Tijucas, no interior do Estado, e morava no Morro do Horácio, no centro de Florianópolis. Ela chegou no morro quando havia apenas três casas no local. "As crianças jogavam bola por aqui sem perigo. Hoje não há espaço e elas podem cair no barranco. Eu vivia no Morro da Copa Lord, na Ilha, quando meu filho precisou ser operado e não tínhamos dinheiro e nem plano de saúde, aí precisei vender a casa lá e vim morar aqui. Para conseguir a escritura de posse já foi uma grande luta de toda a comunidade. A Prefeitura sempre preferiu nos tirar daqui e disse que iria nos indenizar. Mas para onde vamos? A história de vida que temos aqui ninguém paga. "Só quero morar aqui, não quero dinheiro", diz a ex-passista de escola de samba, que ainda tem vivo no olhar o brilho e a garra da juventude.

"Na década de 60 foi construída a Avenida Ivo Silveira e dividiram o Morro. Desde o início, quando era uma escada de barro, até hoje, o caminho de acesso ao Morro, usado pelos moradores, é estreito e perigoso", diz Erna. Ela criou seus três filhos na comunidade



Erna, uma das primeiras moradoras, vive feliz no morro



Acima, Maria Ivone, filha de Erna, nasceu e se criou no morro. Abaixo, Edinho à frente da luta no Centro Comunitário



Crianças realizaram abaixo-assinado pedindo
solução para os problemas na encosta

Lenice na entrega do abaixo-assinado no Centro
Integrado de Atendimento ao Cidadão

Foto: arquivo Fucas

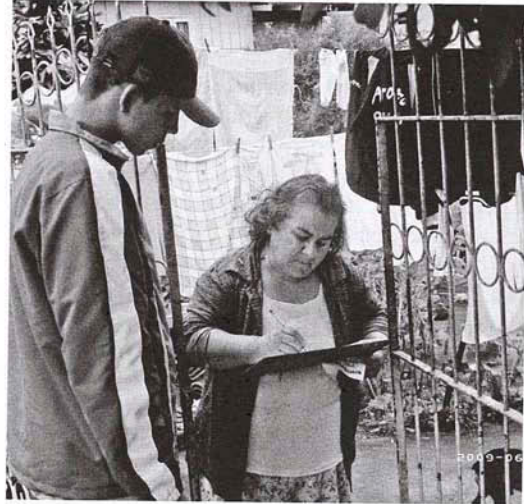
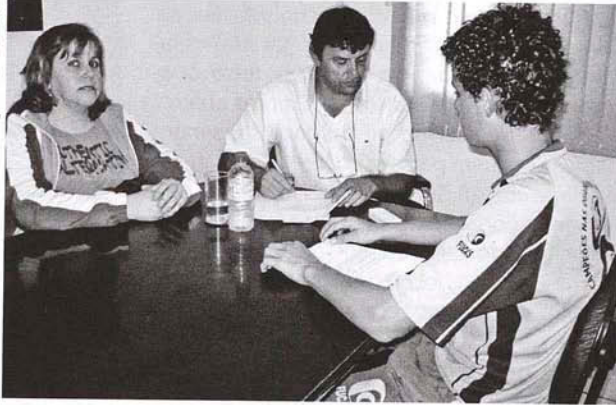
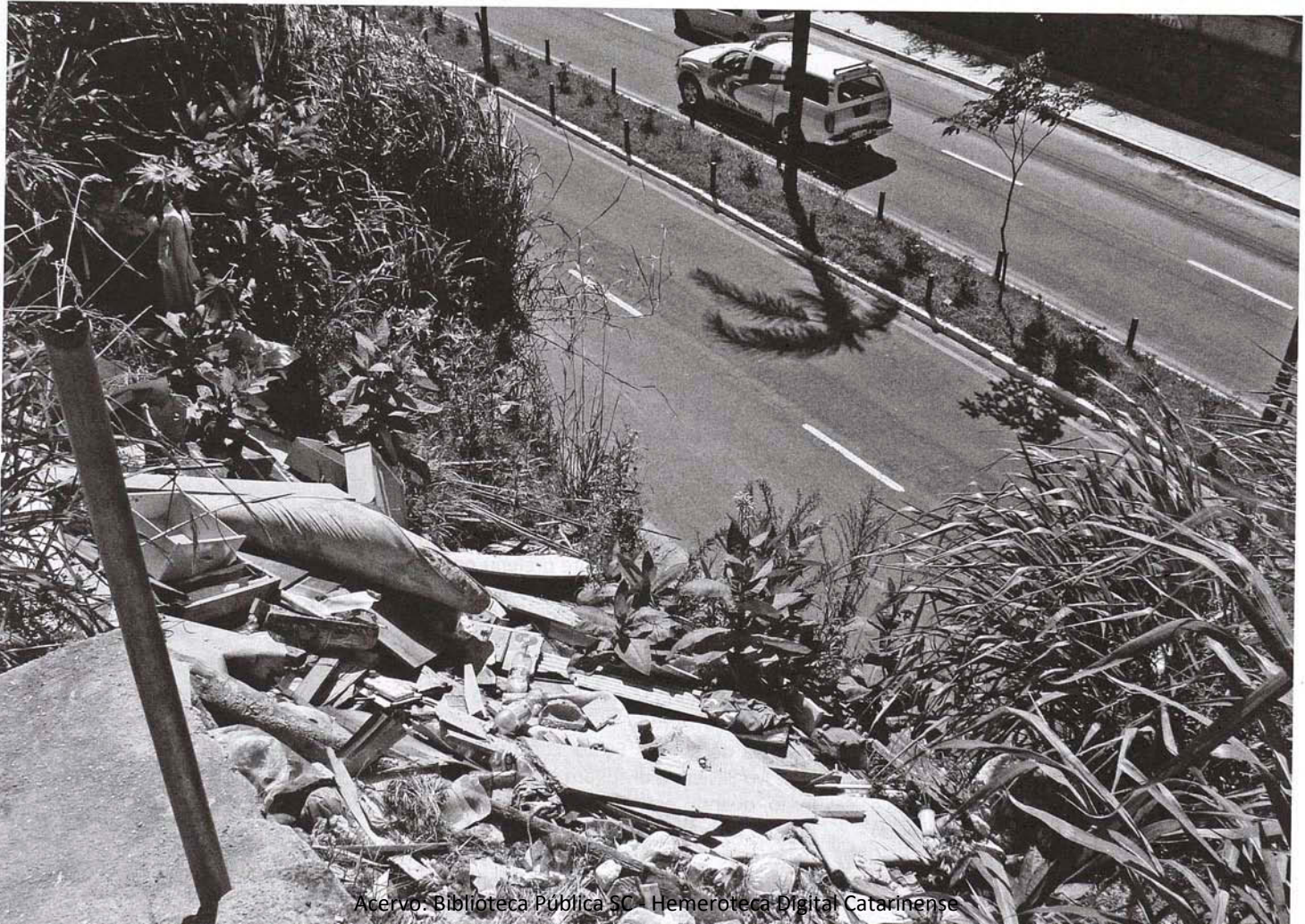


Foto: arquivo Fucas

Abaixo, no mato e em
entulhos proliferam ratos



trabalhando como lavadeira. “Vim de Brusque para Florianópolis para cuidar de uma senhora doente e que só falava em alemão. Depois que ela morreu, eu não quis voltar pra Brusque e vim para o Morro. Lembro que hoje onde é a Via Expressa os moradores cruzavam o pasto para a região de Coqueiros de bicicleta”, conta Erna. “Um dia vieram na minha casa para que eu a vendesse. Queiram que eu assinasse um papel. Eu disse a eles, então, que me deixassem em paz, que não sabia ler, nem escrever. E assim não precisei assinar o papel. Não queria sair da minha casa”, recorda.

Erna fala dos capangas do então dono das terras ocupadas, que em 1978 atemorizaram a região para que os moradores saíssem do morro. Uma das moradoras na época, já falecida, Maria José Loch, Dona Cota, chegou a ser chamada na Justiça. Moradores foram chamados para depor. Todos defenderam que dona Cota vivia ali há muitos anos, desde a época da ocupação. A Justiça concedeu o direito de Dona Cota permanecer no local.

“Até 1978 as pessoas viviam calmas, tranquilas em seus barracos. Até que apareceu um homem sem escrúpulo nenhum, manda e demanda, faz ameaças, invade casas com seu capanga e diz pros coitados: “Vão embora! Essa casa é minha: O Morro é teu (leia-se meu)”, dizia o informativo da comunidade, *Nosso Jornal*, editado em 1982. Um dos episódios que mais revoltou a todos foi quando os capangas do dono das terras e de uma empresa de ônibus da região fecharam a pracinha da comunidade para que ninguém pudesse usar a área de lazer. Os moradores uniram-se, fizeram uma passeata e conseguiram reabrir o local, que, até hoje, é ponto de encontro e lazer para a comunidade.

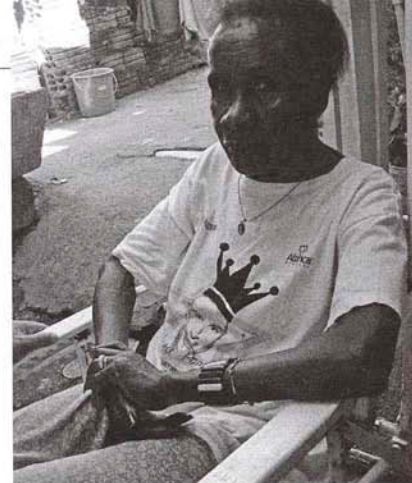
Ivone Ventura, 53 anos, filha de Erna, também ainda vive no morro. Nascida e criada no local, tem grande orgulho da história de luta da comunidade e guarda com carinho o *Nosso Jornal*, já transformado em folhas amarelas, elaborado em máquina de escrever e copiado em mimeógrafo para ser distribuído às famílias da comunidade. O jornal denunciava que ou o morador vendia ou seria expulso do lugar, colocando pânico na comunidade. “Adoro morar no Morro, não me vejo morando em outro lugar. Já tentaram muitas vezes nos tirar daqui. Mas sempre resistimos com luta e organização.”

Os moradores lembram as dificuldades para construir as casas e abrir as ruas no local. “No início eram casinhas de madeira, aos poucos fomos abrindo e construindo as ruas para trazer o material para reformar as casas”, conta Edílio de Lima, 62 anos.

Depois das casas melhoradas pelos moradores, o empresário que as ameaçava vinha, comprava as casas de alguns que estavam mais necessitados e depois alugava para eles novamente. “Até que fizemos várias mobilizações e exigimos da Prefeitura uma providência e conquistamos o direito de permanecer nas casas sendo nossas, pois nunca tínhamos recebido qualquer abatimento pelas melhorias que fizemos nelas”, diz Iraci Salete dos Santos, 54 anos. “Em uma madrugada, uma mulher deu à luz a seu filho no meio do despejo das famílias. Isso revoltou a comunidade e só serviu para unir mais os moradores que lutaram pelo direito de viver aqui,” recorda.

“Historicamente, percebe-se que a ausência do poder público proporcionou uma insegurança no local, sendo que há uma especulação sobre o futuro da resolução do problema da encosta e da permanência das famílias na área”, diz Édio Augusto da Silva, presidente do Conselho Comunitário, Esportivo e Cultural do Morro da Caixa, o Concec/MC. O Conselho já enviou um ofício a nove órgãos públicos, desde o Corpo de Bombeiros à Defesa Civil, informando a gravidade do problema da encosta, que pode desabar a qualquer momento e/ou ferir os moradores. Mas até agora nenhuma providência que realmente resolva a situação foi tomada.

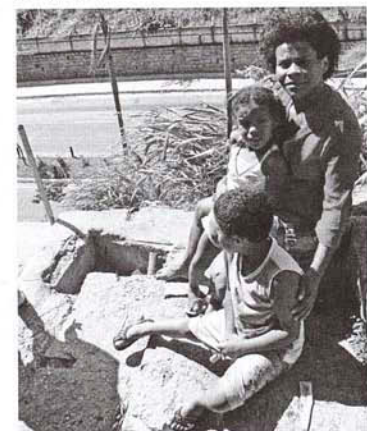
Outra entidade que está ajudando o Concec/MC e a comunidade na luta é a Fucas (Fundação Casan). A Fucas, através do programa Campeões nas Quadras e na Vida, desenvolve o projeto Caixa Digital (<http://projeto.caixadigital.blogspot.com/>) junto aos adolescentes do Morro da Caixa. Por iniciativa dos adolescentes, através do projeto, um abaixo-assinado foi coletado na comunidade e entregue à Prefeitura pedindo a solução do problema da encosta. Os adolescentes também fizeram uma cobertura fotográfica da situação do Morro, quando parte deste desabou na Avenida Ivo Silveira. Tudo foi documentado e relatado à Prefeitura de Florianópolis. Mas suas vozes não foram ouvidas e o problema da encosta segue sem solução.



Só quero morar aqui, não quero dinheiro, diz Leta



Iraci e Edílio lutaram para ter o direito de viver no morro



Beatriz teme pelas crianças se o barraco ceder mais



Os encantos e mistérios da nossa América

Nossa homenagem às culturas pré-hispânicas que habitaram nuestra américa. Uruquinho da história do México e da Guatemala em imagens para os leitores da P&N



Detalhes do painel de Diego Rivera no Palácio Nacional, México

Fotos: Marcela Cornelli, do México e Guatemala



Acima e abaixo, mulheres e mercado em San Juan Chamula, Chiapas, México



Do lado direito, guerreiros esculpidos em pedra, pinturas astecas e cabeça Olmeca, expostos no Museu Nacional de Antropologia de México



Pedra do Sol, ou calendário asteca, encontrado em Tenochtitlan



Acima e abaixo, Cerimônia Maia em Tikal, na Guatemala



Sítio Maia em Palenque



Pirâmide do calendário Maia em Chichén Itzá



Abaixo, Pirâmide do Sol, no sítio asteca em Teotihuacan



das comunidades indígenas. Muitas tentam sobreviver do turismo e um dos seus maiores atrativos são, sem dúvida, os tapetes com os desenhos zapotecas confeccionados em teares nos povoados da região de Oaxaca. Cultura antiga, a tapeçaria é feita da lã de ovelha, que é toda colorida naturalmente. As cores dos tapetes, vibrantes e intensas, que encham os olhos dos turistas, vem de insetos e plantas. Os variados tons de vermelho roxo, por exemplo, vem de um inseto encontrado nos cactos, o amarelo, de flores. Tudo ainda feito artesanalmente e vendido nas feiras na cidade de Oaxaca e região. Elvira Ortiz Garcia tem os olhos amendoados, meio puxados, os cabelos grisalhos e longos trançados nas costas e seu sorriso meigo me atrai para ver seus tapetes. A feira é organizada pelos próprios artesãos. Ela vive num povoado chamado Santa Ana Del Valle e produz todos os tapetes que expõe. “Eu consigo sobreviver com o meu trabalho, mas nem todos os artesãos conseguem. Um tapete pode levar semanas para ficar pronto, fizemos tudo artesanalmente. Me inspiro nos desenhos zapotecas, que são inscrições iguais às encontradas nas ruínas de Mitla

(ruína zapoteca do Estado de Oaxaca). Desenhamos no tear os povoados e as paisagens, igualzinho como é lá no “pueblo”, as mães carregando seus filhos nas costas, retratamos um pouco da nossa vida nesses tapetes”, conta Elvira. Simpática e acolhedora como é o povo mexicano, ela me presenteia com uma peça. “És um regalo”, diz, sorrindo.

Cultura, tesouros e identidade roubados

O povo mexicano luta para resgatar sua cultura e identidades roubadas. Muitas civilizações passaram pelas terras mexicanas como os olmecas, os teotihuacanos, os maias, os zapotecas, os mixtecas, os toltecas e os astecas, as quais floresceram durante quase quatro mil anos antes do primeiro contato com europeus. No início deste ano, matérias sobre o sequestro de emigrantes mexicanos, inclusive fora da fronteira, como, por exemplo, na região de Oaxaca, chocavam o país. Mas outra matéria acabou roubando as cenas dos noticiários locais.

A cada instante surgia uma novidade sobre a volta do “penacho de Montezuma” ao país. O penacho, em português cocar, está em um museu na Áustria. O México não teria feito nenhuma exigência de propriedade à Áustria, mas um pedido de troca. Em troca do cocar do governador mexicano, o México emprestaria à Áustria a carroça dourada do imperador Maximiliano I, que liderou o Segundo Império Mexicano (1863-1867), junto a uma série de objetos “com valor sentimental para os austríacos”, como dizia a imprensa. E para os mexicanos o cocar não tem um valor sentimental? Trazê-lo de volta ao país não significaria o resgate da história do México? Hoje está exposto no Museu Nacional de Antropologia, na Cidade do México, uma réplica do cocar do governador asteca que foi, junto com seu povo, massacrado com a chegada dos espanhóis no México, enquanto a peça original é apreçada pelos austríacos.

O cocar de Montezuma II, que foi do imperador durante a chegada dos espanhóis ao México (1519), é banhado de ouro de 24 quilates e incrustado com pedras preciosas e quatrocentas plumas de quetzal, e tem como base uma águia

com esmeraldas nos olhos. Alguns historiadores defendem que o cocar foi presenteado pelo próprio Montezuma ao espanhol Hernán Cortés, quando de sua chegada ao México. O fato é que os astecas presentearam os espanhóis, tentando um contato pacífico. A 8 de novembro de 1519, Montezuma encontrou Hernán Cortés, a quem acreditava ser o deus Quetzalcoatl (serpente emplumada). Quando Cortés chegou em Tenochtitlán (capital do mundo asteca que foi destruída e em cima dela construída a capital do país, a Cidade do México), Montezuma presenteou-o com flores de seu próprio jardim, que era a mais alta honraria que poderia se oferecer. “(Os espanhóis) ensinaram o medo, e vieram murchar as flores. Para que sua flor vivesse, danificaram e sorveram a flor dos outros (...). Não havia Alto Conhecimento, não havia Divino Ensino nos substitutos dos deuses que chegaram aqui. Castrar o Sol! É o que vieram fazer aqui os estrangeiros. E aqui ficaram os filhos de seus filhos, em meio do povo, e são recebidos com amargura”, do livro de Chilam Balam de Chumayel, citado em “História da Destruição Cultural da América Latina”, do vene-



Templo de Quetzalcoatl, em Teotihuacan (à esquerda), apresentando o cocar (no centro), e Templo Maior (à direita)



zuelano Fernando Báez.

Os sacerdotes de Montezuma previram a chegada de Cortés, em 1519, como a volta do legendário deus-rei Quetzalcóatl. Isto fez com que Montezuma acabasse se rendendo ao canto da sereia dos espanhóis. Cortés o fez refém e forçou-o a negociar a rendição do seu povo. Devido à sua proposta de instituir o pagamento de tributos à Espanha, Montezuma foi deposto do seu cargo de governador em 1521. Atacado pelos espanhóis, foi ferido e acabou morrendo dias depois.

Segundo a imprensa mexicana, o México atualmente reclama mais de 3 mil peças, tesouros de sua cultura saqueados pelos espanhóis, que estariam principalmente localizados nos Estados Unidos, na Dinamarca, na Alemanha e na Venezuela. Caminhando pelo Zócalo, no centro histórico da cidade, tombado como patrimônio da humanidade, encontra-se a Catedral do México, o maior templo católico da metrópole e a maior construção religiosa de toda a América Latina - uma imponente construção espanhola. No seu interior, altares em ouro, construídos com o ouro dos astecas saqueados e derretidos. Basta caminhar um pouco mais ao lado direito da Catedral e

encontramos, maravilhados, as ruínas do Templo Maior, onde governou Montezuma, na antiga Tenochtitlán, que, na época em que os espanhóis chegaram, abrigava cerca de 250 mil pessoas, dispunha de trinta palácios enormes e o Templo Maior. Era uma capital comercial cultural e política que teve influência sobre uma área de 50,5 mil hectares. Atravessando os portões do Templo Maior, logo ali ao lado da Catedral, que foi construída em cima de um templo religioso asteca, as ruínas de Tenochtitlan se levantam. No meio dos escombros cinzentos se erguem serpentes coloridas que encaram, com suas cabeças grandes, quem visita o local, uma vaga lembrança do que foi a civilização astecas que um dia ali habitou, que resistiu, mas acabou sucumbindo às armas de fogo e artimanhas dos saqueadores europeus.

A queda de Tenochtitlán se deu em 13 de agosto de 1521. "Tudo ficou em ruínas, incendiado, saqueado e devastado pelos canhões e arcabuzes", menciona Báez em seu livro. "No ataque a Tenochtitlan se perpetuou o primeiro grande saque cultural da América Latina. (...) As obras de arte em sua maioria foram fundidas em ouro no século XVI e inunda-

ram as capitais européias como ainda se fazem com os objetos colocados nas mesmas cidades pelo tráfico ilegal. Mudaram eventualmente as quantidades, não o método".

Segundo Baez, os ídolos da destruída Tenochtitlan foram escondidos em lugares desconhecidos, e, em sua busca, os sacerdotes ordenaram o assassinio e tortura de dezenas de nativos. "Houve certamente destruição premeditada e negligência, saque direto, devastação permanente e uma miscigenação desigual que encobriu as origens", conta o escritor venezuelano. Segundo Báez, 80% dos livros antigos em que os maias e astecas armazenavam conhecimentos sobre sua história, astronomia e medicina foram destruídos.

Em outra passagem de seu livro, Fernando Báez descreve as crueldades praticadas pelos espanhóis: "cortaram-lhes narizes, braços e pernas, e os peitos das mulheres, jogando-as em lagoas fundas com cabaças atadas aos pés; davam empurões nas crianças porque não caminhavam tanto quanto as mães, e punham correntes nelas se adoeciam ou se não acompanhavam os outros, ou lhes cortavam as cabeças para não atrasar os outros ou soltá-los.

(...) os espanhóis se desculparam dizendo que eram poucos e não podiam sujeitar tantas pessoas sem meter-lhes medos ou castigos terríveis."

Outros dados que assombam, mostrados por Báez, apontam que os 25 milhões de habitantes do México em 1500 se reduziram a um milhão de 1519 a 1605. Uma redução demográfica de 96%. No século XX, enquanto o país perdia metade do seu território para os Estados Unidos, dezenas de bibliotecas, arquivos, edições únicas, peças de artes pré-hispânica ou colonial eram arrastadas ou cedidas a colecionadores de todo mundo. E no século XXI, pouca coisa mudou ou nada mudou, quatro em casa cinco obras de arte espoliadas nunca foram recuperadas - 10.485 sítios arqueológicos, segundo a revista Antropologia Mexicana, foram espoliados de um total de 35 mil.

O México luta hoje para tentar resgatar um pouco de sua rica história cultural. Mas seu governo ainda é cruel com os descendentes desses povos originários, indígenas que habitaram aquelas terra antes da chegada dos espanhóis e que até hoje continuam oprimidos e gritando por terra e liberdade.



Terra da eterna primavera

Texto e fotos: Marcela Cornelli,
de La Antigua, Guatemala

A terra ardia e exalava um calor escaldante sobre nossos pés. A fumaça, a altitude e a intensa subida dificultavam a respiração. O coração acelerava. A paisagem no alto da montanha dava a noção da fúria e do rastro de destruição deixados pelo Pacaya. Sete meses após uma das maiores erupções vulcânicas já ocorridas na Guatemala, o cenário ainda era de devastação. A terra estava coberta de lava solidificada, avermelhada. Ao colocar um graveto embaixo das rochas, este pegava fogo instantaneamente. Em algumas fissuras e brechas o calor era quase insuportável, não permitindo que fôssemos ali por mais de alguns segundos. Passando a perplexidade que o cenário causa, basta olhar ao redor do vale para ver que a vida teima em renascer das cinzas, lentamente, aos pés do vulcão. Flores colo-

ridas desabrocham e o verde volta a aparecer na montanha, fazendo jus ao nome como é conhecida a Guatemala, "terra da eterna primavera". O termo é devido às suas temperaturas amenas durante todo ano, calor durante o dia e frio à noite, mas as flores renascendo aos pés do vulcão também lembram a estação do ano. A vida brota novamente no topo das árvores, com seus troncos machucados devido à chuva de pedras que as atingiu. Nos pés do temido gigante de 2.522 metros de altura as gentes do pueblo de São Vicente Pacaya retomam a rotina de suas vidas, crianças brincam e estudam na comunidade, mulheres e homens preparam a terra para o plantio do milho e do feijão, esquecendo-se dos dias de terror passados em maio de 2010, quando o Pacaya lançou suas cinzas, pedras e lava sobre o povoado e regiões vizinhas.

Descendentes da civilização maia, que habitou a Guatemala e teve seu

auge entre 300 e 900 d.C. na região, os moradores de São Vicente Pacaya já sabem quando o vulcão vai lançar sua ira. Como um deus de fogo, ignorando as preces e rituais para aplacar a sua fúria, o Pacaya é a natureza no seu estado mais puro, exuberante, belo, misterioso e ao mesmo tempo devastador. "Sabemos quando o vulcão vai entrar em erupção. É quando a fumaça muda de cor. Ela começa a ficar mais escura", diz Edgar Arturo Roque Pevalta, morador do povoado e guia de turismo local. Mas nem mesmo a sabedoria e observância do seu povo são suficientes para evitar tragédias. Na erupção de maio de 2010 um jornalista e um jovem morreram, três crianças ficaram desaparecidas, milhares foram os desabrigados e muitos os prejuízos nas lavouras e nas casas do povoado.

San Vicente Pacaya fica a 50 quilômetros da capital, Cidade da Guatemala. Pelas profecias maias as explosões solares seriam intensificadas entre os anos de 2000 e 2012 e desastres naturais, como explosões vulcânicas, iriam





A vida renasce na Guatemala



Edgar, acima, e o Pacaya, ao fundo



Meninas na praça em La Antigua

se intensificar sobre a terra. A Guatemala, que pode ser considerada o berço da civilização maia, possui 33 vulcões, sendo três ativos. Entre eles, o Pacaya. Em maio de 1998, o vulcão lançou grande quantidade de cinzas sobre a capital, obrigando o fechamento do aeroporto internacional por três dias. Existem registros de erupção do Pacaya desde 1565. "Sabemos que viver aqui é perigoso, mas não temos para onde ir. Para onde iriam as famílias que aqui vivem? O governo nunca nos deu uma opção. Não se importa com a gente. Além disso, aqui a terra é nossa", diz Edgar. Ele reforça que o composto que fica após a passagem da lava é fértil e bom para o plantio, o que, com a força dos camponeses, faz a vida renascer no vale. De cima do vulcão é possível ver uma usina termoelétrica de 25 mega wats que abastece os povoados usando a energia do calor emitido pelo Pacaya. "O dono da usina é um israelense. Ele também é dono do maior hotel da região", conta Edgar. Como quase tudo na região, os hotéis e restaurantes estão nas mãos de estrangeiros. A revolta, quando fico sabendo disso, é de estar ali conhecendo um país lindo, com paisagens exuberantes e um povo amável e hospitaleiro, um dos povos mais alegres que já conheci, é saber que o dinheiro de turismo que deixo ali não vai chegar as mãos dos guatemaltecos. Em La Antigua, a 40 quilômetros da Cidade da Guatemala e a uns 10 quilômetros de San Vicente de Pacaya, confirmei essa triste realidade. "Somos um povo muito pobre, abandonado pelo governo. Estou

desacreditada nos políticos da Guatemala, porque eles só pensam neles mesmos", diz Glades, 49 anos, enquanto tece um tapete com o tear amparado na cintura, técnica ancestral aprendida de geração em geração nos povos maias. Glades é artesã e vive num povoado chamado San Antonio Agua Calientes, onde são produzidos os tapetes que vende em La Antigua. Lá a língua que predomina é o caqchiquel. Glades e outros artesões expõem as peças no pátio de um antigo convento. Pergunto se o local é público ou se eles precisam pagar para expor seus artesanatos ali. Indignada, Glades responde que o local pertence à igreja e que o padre, um italiano, cobra aluguel dos artesãos.

Reporto-me ao passado e penso que a colonização e a exploração dos indígenas está mais atual do que nunca na Guatemala. "O povo da Guatemala não tem acesso à saúde. Outro dia estava com muita dor no estômago e fui até um posto público de saúde. Até consegui consulta, mas não havia remédios. Nós conseguimos sobreviver do nosso trabalho, mas quem é dono de tudo aqui, restaurantes, hotéis são pessoas de fora. O povo não se beneficia do dinheiro do turismo. Há muitos indígenas, mas os donos de tudo são de fora", diz. Andando pelas ruas de Antigua se entende como a exploração dos povos originários continua até hoje. A cidade, antiga capital da Guatemala, foi criada para ser a capital do império espanhol no Novo Mundo, em 1543. As casas em

estilo colonial espanhol, todas baixas devido aos terremotos que já assolaram a região, as muitas igrejas e conventos mostram a dominação da igreja católica na região. A prosperidade de Antigua durou até 1773, quando terremotos quase a destruíram, fazendo com que a maioria de seus habitantes se mudasse e provocando a decisão do rei da Espanha de transferir a capital para uma zona mais segura, o Vale de Ermita, onde hoje se localiza a Cidade da Guatemala. La Antigua é cercada por três vulcões, entre eles o Água, com 3.760 metros de altura e já inativo. Em 1541, o Água despejou água sobre a cidade, daí o seu nome. Isso ocorreu porque depois de alguns dias seguidos de chuva forte, um terremoto rachou as paredes do vulcão e liberou a chuva armazenada. Chamada também de "Pompéia das Américas", em alusão à cidade romana soterrada pelo vulcão Vesúvio em 79 d.C., La Antigua, apesar de sua beleza e peculiaridades, nos faz pensar em quantos milhões de indígenas foram mortos e/ou usados como escravos para construí-la. Enquanto o Água continua adormecido, as almas dos maias que ali habitaram devem zelar pelos guatemaltecos que, apesar de tudo, da exploração, do abandono dos governos, da implacável fúria dos vulcões, resistem.

A vida em La Boca

Texto e fotos: Elaine Tavares,
de Buenos Aires, Argentina

Manhã de janeiro em Buenos Aires. Hora de visitar "La Boca", conhecido bairro do sul da capital, famoso pelo seu time de futebol, o Boca Junior, por suas ruelas coloridas e o tango, triste e sensual, tocado e dançado na rua. Mas, ao chegar ao pequeno e espartano terminal de ônibus, o que chama a atenção é um modesto complexo de prédios que abriga a escola, um museu e um teatro. Apesar do vibrante murmúrio que vem do "caminito", a placa que indica o museu de Belas Artes é mais forte e lá vou eu descobrir o mistério das cores e da comunidade.

O minúsculo saguão de entrada do museu está cheio de crianças que protagonizam uma deliciosa algaravia. Dezenas delas, acompanhadas de seus "maestros" – num projeto da escola que busca levar cultura aos alunos em tempos de férias - se preparam para viajar no mundo da pintura de um dos mais importantes filhos de La Boca: o pintor Benito Quinquela. Ali, naquele museu, doado por ele à comunidade (assim como a escola e o museu), estão expostas algumas das suas mais famosas obras, além de outras de conhecidos artistas nacionais. Mas as crianças estão atraídas mesmo é pela figura de Benito, a quem a comunidade reverencia com amor extremo. É nas salas onde estão os seus móveis pessoais e objetos de pintura que a gurizada se

demora, sonhando talvez em seguir os passos do filho ilustre daquele lugar.

Benito Quinquela é um dos grandes da arte argentina. E cresceu bem ali, na boca do rio da Prata, espaço do porto e da vida atribulada dos homens do mar. Sua pintura conta desta realidade local e se mostra com toda a força operária daqueles que cotidianamente viviam as agruras do trabalho marítimo. Seu tema sempre foi o trabalho, o bairro e a gente. Por toda a vida ele immortalizou La Boca, o seu ninho, seu lugar de arrição, mesmo depois de ter experimentado a glória nos salões de Paris e Nova Iorque. Era para a boca do rio que sempre voltava, carregado de cores e memórias únicas. "Dizem que os barcos que eu pinto existem em todos os lugares do mundo – é um erro – quando eles chegam à Boca, eles se transformam..."

A história do pintor é revestida de poesia. Chegou ao porto num 20 de março do ano de 1890. Fora abandonado num orfanato local e nunca soube quem era sua mãe. Ali viveu, junto às irmãs de caridade, por seis anos. Contam que nunca foi um garoto triste, pelo contrário, era alegre e prestativo. Quando estava para completar sete anos foi adotado por uma família simples, moradora do bairro. O pai, Manuel, era um italiano forte, trabalhador do porto e a mãe, Justina, era mulher de sangue indígena, oriunda de

Gualeguaychu. Donos de uma carvoaria, os dois procuravam uma criança que lhes enchesse a vida de alegria e ajudasse no trabalho.

E assim o pequeno Benito iniciou sua vida pelas ruelas do bairro portuário. Conhecia como ninguém a vida frenética do estaleiro, dos trabalhadores do mar, das mulheres. Seu trabalho era andar de barco em barco, com uma bolsa vazia, enchendo-a de carvão. Manejava a funda com maestria e era conhecido por sua velocidade nas correrias do porto. Magricelo e serelepe, era chamado de "mosquito" pelos trabalhadores que o viam passar voando com a bolsa cheia e pesada. Também ainda menino, morando na rua onde se concentravam os sindicalistas e socialistas, começou sua militância política, no início do século XX, sempre ao lado das lutas dos trabalhadores.

Considerando o trabalho que fazia, não foi por acaso que o carvão acabou sendo seu primeiro "pincel". Entre uma correria e outra ele descansava desenhando as cenas que via no porto em pedaços de papelão e, quando já contava com 14 anos, iniciou um curso de pintura numa escoli-

nha do bairro que oferecia este tipo de curso aos filhos dos trabalhadores. Desde aí, as cores começaram a se sobrepôr ao carvão e o pintor nunca mais parou de crescer. Marcou-lhe a vida um texto de Rodin que leu enquanto estudava arte, o qual dizia: "pinta a tua aldeia e pintarás o mundo". E assim foi. Com 20 anos apresentou sua primeira exposição e anos mais tarde ajudou a organizar o Salão dos Recusados, espaço de mostra daqueles artistas que não encontravam espaço nas "panelinhas" da arte nacional. Desde aí, a pintura do garotinho do porto de La Boca percorreria o mundo. Dez anos de-





pois, tendo já visitado e exposto em vários países, Quinquela voltou para La Boca, onde comprou uma casa para os pais e ali seguiu vivendo, prometendo-lhes que agora eles estariam a seu cargo.

La Boca havia acolhido Benito quando ele ali chegara, abandonado. Por isso, o pintor fez questão de retribuir todo o amor que a comunidade lhe deu. Tão logo ganhou dinheiro com a sua pintura, preocupou-se em dar ao bairro espaços onde as crianças pudessem crescer na cultura e na beleza. Foi assim que ele comprou os prédios onde hoje estão a escola, o teatro e agora, o museu. Dali nunca saiu, a não ser para suas exposições e compromissos internacionais. La Boca era o seu lar.

Débora Seitter, cuidadora do museu, conta que foi Benito quem começou essa mania por cores na região de La Boca. "Quando ele trabalhava na carvoaria, ele levava carvão de graça para os navios e pedia em troca latas de tinta coloridas, as quais entregava aos vizinhos para que pintassem as casas, que eram simples e humildes". Hoje, o "caminito", principal rua do bairro é, ela mesma, um museu a céu aberto, com as casas repletas das cores vibrantes que também enchem as telas de Benito.

Uma obra de força

Por sobre a gritaria da criança que visita o museu se impõe o som poderoso do piano. Diante de uma das telas mais belas do pintor - Crepúsculo - uma mulher faz ecoar uma música que é ao mesmo tempo terna

e dura. Impossível não se deixar ficar ali, tomada pela emoção. É algo assim como a representação musical daqueles quadros que parecem adquirir vida na parede. As telas imensas reproduzem a vertiginosa existência do bairro portuário e popular. Há barcos onde crescem flores, onde trabalham homens, há barcos que dormem, barcos quebrados, há homens construindo barcos, há barcos sendo descarregados, há poderosos temporais, há homens trabalhando na fundição do aço, barcos incendiados, crepúsculos com barcos ao fundo. Tudo é imenso na obra, a cor, a intensidade, o tema. O traço de Quinquela indica toda a violência exigida para a construção dos barcos e ao mesmo tempo expressa a humanização da máquina e das grandes forças que a produzem. É arrebatador!

O museu tem três andares de obras de arte. Num deles está também a coleção de máscaras de proa de barcos, recolhidas por Benito ao longo da vida. Estas ponteiras eram representações de deuses ou mitos, metade homens, metade bichos, figuras de mulheres ou mesmo santos que eram usadas pelos barqueiros para proteção. Estas máscaras eram as que davam identidade às naves e muitas podiam ser identificadas ao longe só pelas ponteiras. Amealhá-las foi a maneira que Benito encontrou para sentir de forma concreta a presença daquele mundo que ele amava e que imortalizou na tela. Nos pátios do terceiro andar estão as esculturas, de vários artistas locais. E, de um mirante, bem em cima do prédio, se

pode vislumbrar toda a "Boca", e seu farfalhar de vida. Faltam os barcos e o porto, mas o colorido das casas e das gentes cimentam o louco desejo de beleza que aquele "mosquito", gurizinho serepele, vislumbrou para o seu lugar. Hoje, nas vielas do bairro, o som do tango, do chamamé, as imagens do Che, do Maradona, da Evita e o deslumbrante mundo de cores, imortalizam a "República da Boca", que, conforme dizia Benito, era um lugar de fronteiras pouco claras, com geografia móvel e repleta de abençoados lunáticos.

Elétrico como nos tempos de menino, ele nunca parou de inventar coisas e uma das mais belas que criou, além da sua obra, foi a conhecida "Ordem do Tornillo", espaço de reunião dos artistas, intelectuais e loucos de toda ordem que tivessem por princípio o uso desenfreado da imaginação e da rebeldia e aos quais devia, por obrigação, faltar moderação. A estes "loucos", ele entregava um parafuso, o que lhes faltava, para garantir que sempre lhes faltasse e eles não se tornassem gente acomodada ou sem imaginação. "A todo homem que sonha, lhe falta um parafuso. Este que lhes dou não vos tornará moderados ou cordiais.



O tango expressa a fortaleza do portenho

Pelo contrário, vos preservará contra a perda desta loucura luminosa, da qual se sentem orgulhosos".

Hoje, Benito reina sobre La Boca, com sua estátua altaneira bem na entrada de onde um dia foi o porto que tanto amou. E as gentes de



Nas ruas coloridas, Evita e Che

todo mundo se sentam nas mesas coloridas, tomando um bom vinho e ouvindo o tango. Das casinhas espiam os locais que sabem que muito daquilo tem a ver com o pintor, criado na beira daquele rio. Tudo ali é prodigioso, como a obra de Benito.

Mil dias na praça

Texto e fotos:
Elaine Tavares,
de Buenos Aires,
Argentina

Elaine, abaixo, entrevista um dos lutadores que estão acampados

Luis Gianinni tinha pouco mais de 18 anos quando, servindo ao exército em 1982, foi chamado a defender sua pátria numa guerra praticamente suicida: a guerra das Malvinas. "Nós éramos jovens recrutados, não tínhamos conhecimento de tudo o que estava em jogo. Apenas sabíamos que tínhamos de defender a Argentina. E assim foi". Luis, junto com mais 400 companheiros, é um dos ex-combatentes que estão acampados na Praça de Maio, em frente ao palácio do governo argentino,

exigindo direitos e reconhecimento. Luis e os demais colegas em luta não estiveram na ilha, mas fo-

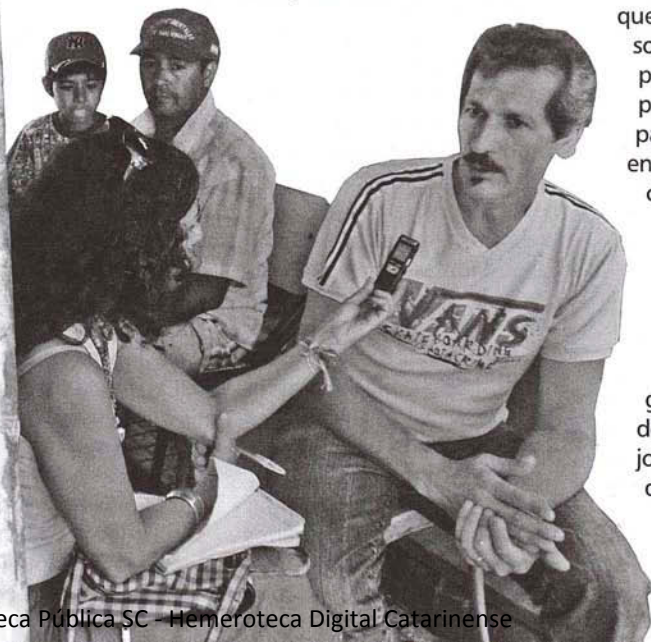
ram mobilizados e chegaram a travar combates no continente. Ainda assim, eles foram deixados de fora da lei que estabeleceu direitos para os ex-combatentes, sob a alegação de que os que atuaram no continente não teriam participado da guerra mesma.

Segundo os ex-soldados, isso não é verdade. Eles insistem que quando, dias depois de a Argentina ter iniciado a guerra, foi criado, via decreto, o Teatro de Operações do Atlântico Sul (TOAS), este incluía, além das ilhas, as províncias de Chubut e Santa Cruz, na parte continental. Num dos anexos do decreto também está dito que o Comitê Militar poderia estender sua jurisdição a outros espaços marítimos e aéreos que fossem necessários, visando garantir a defesa de todo o litoral do país num eventual ataque dos ingleses ao território argentino, principalmente na região das bases de Rio Gallegos e Comodoro Rivadavia, de onde saíam

os bombardeiros da Força Aérea. Assim que esta zona ficou com as tropas em estado de alerta durante todo o conflito.

Foi por conta deste alerta que os soldados que estavam servindo naquela região se envolveram na guerra. Segundo Luis, eles preparavam obras de defesa, cavavam poços, trincheiras, faziam exercícios militares de defesa, faziam patrulhas e mantinham o armamento em dia, esperando o combate. Toda a correspondência era censurada e eles tinham de estar sempre prontos para entrarem em ação. Assim, dizem os ex-soldados que hoje acampam em frente à Casa Rosada: "O medo, o frio, a incerteza, a espera do confronto armado e toda a carga psicológica da guerra foi vivida por cada um dos que ali estavam. Mesmo aqueles que ficaram em Puerto Argentino e que nunca dispararam um tiro sequer. A guerra estava viva em nós. Nós a vivemos".

Mas a lei número 22.674, que garantiu direitos às pessoas que sofreram danos ou perderam seus empregos por conta de sua participação na guerra, acabou envolvendo apenas os oficiais e os que estiveram nos combates na ilha ou nas zonas de saída das tropas. Os demais foram deixados de fora, como se não tivessem vivido toda a atmosfera da guerra. "Naqueles dias todos nós, que éramos muito jovens, vivíamos a angústia de a qualquer momento ter de enfrentar uma outra pessoa, armada, matar e morrer. Isso deixa marcas, isso





pode destruir a cabeça de muita gente”.

Entre os argumentos que os acampados apresentam para serem incorporados aos benefícios devidos aos ex-combatentes está o teor do artigo 14º da Lei 13.234 que mostra que, durante o conflito, o país estava dividido em uma ou mais Zonas de Operação, assim como de uma Zona no Interior. Assim, quem estava no continente, em estado de alerta, também estava no teatro de guerra. “O regulamento do exército define como Teatro de Operações o território, tanto próprio como do inimigo, que seja necessário para o desenvolvimento das operações militares em nível estratégico e operacional. Nesse sentido, nós estávamos bem dentro da zona”. Conforme contam até os livros de história da Argentina: “Eram dias febris tanto nas Malvinas



como em Comodoro Rivadavia, cidade que ficava na cabeceira do operativo militar. Unidades de transporte da Força Aérea chegavam constantemente às cidades, repletas de batalhões de infantaria. No continente, as autoridades militares ordenavam operações de defesa, diante de um eventual ataque britânico” (“História da Guerra das Malvinas”, A. Alonso Piñeiro, p.37).

Luis Gianinni lembra também de uma citação da Corte Suprema de Justiça da Argentina que afirma: “por guerreiro deve-se em geral entender-se o pertencente ou relativo à guerra, e, por conseguinte o ofício ou profissão daquela por homens que como oficiais ou soldados contribuem para a formação de um exército sem que importe se participe ou não de ações de guerra”. Ora, se é assim, porque então todos estes ex-combatentes estão excluídos dos benefícios? Dentro da tenda, armada na Praça de Maio, os ex-soldados insistem em dizer que a resposta deve ser buscada no “da costeleta”, como indicam o ex-presidente Carlos Menen, de quem se recusam a dizer o nome. “Agora, espe-

ramos que Cristina seja sensível e ajude a influenciar o Legislativo, atendendo nossas reivindicações, e repare esse erro”.

Para os homens que há mais de mil dias perseveram, acampados na Praça de Maio, na luta pelo reconhecimento do serviço que prestaram durante a guerra que vitimou mais de 600 soldados argentinos, 17 dos quais eram seus companheiros do continente, o mais importante de tudo é que o governo e o povo argentino reconheçam que eles fizeram parte deste triste momento da pátria. “Já são 27 anos de espera, por pelo menos um aceno de consideração. Nós estivemos envolvidos e sofremos a pressão da guerra. É justo que nos reconheçam. Por um decreto, sem que fôssemos consultados, nos mandaram aqui, abandonados. Isso sem esquecer aqueles que tom-

baram e deram sua vida pela Argentina”. A guerra das Malvinas, que durou de 2 de abril a 14 de junho de 1982, foi levada pelo governo militar da Argentina, quando decidiu recuperar a ilha, roubada pela Inglaterra em 1833 durante suas incursões de rapinagem pela América do Sul. A posse daquele território na América Austral tem importância estratégica por conta do tráfego marítimo e a Argentina sempre havia reivindicado a sua retomada. A decisão de ir à guerra em 1982 esteve ancorada no desgaste do governo de ditadura militar, um dos mais violentos da América Latina, que, vivendo uma crise sem precedentes no campo econômico, precisava encontrar uma forma de distrair o povo argentino das agruras causadas pela incompetência governamental. Assim, os militares decidiram declarar a guerra de retomada das Malvinas, visando unir os argentinos sob uma única bandeira de patriotismo.

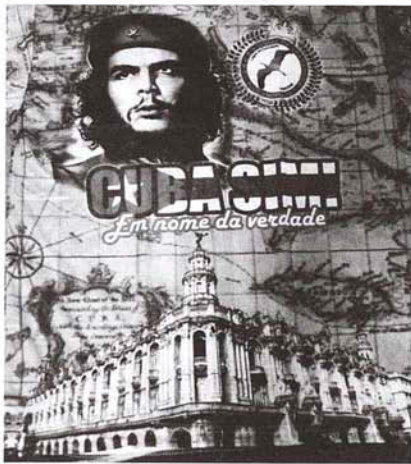
A ação do governo militar argentino mostrou-se completamente desastrosa e as forças locais foram imediatamente aplastadas pelo poderio britânico, que chegou a enviar até submarinos nuclea-

res para os mares do sul. Como era de se esperar, as grandes potências, como os Estados Unidos e outros países europeus, declararam apoio à Grã-Bretanha e a derrota argentina foi inevitável. Em batalha após batalha, foram caindo os soldados argentinos, dando uma trágica concretude à mortal aventura da ditadura argentina, que acabou se rendendo em 14 de junho. Três dias depois o general Leopoldo Galtieri, então presidente do país, renunciou, e com esse episódio tem início a derrocada da ditadura, pois o povo dramaticamente percebia, mergulhado numa crise econômica, política e moral, que os militares não podiam mais dar respostas à vida nacional. Um ano e meio depois, acontecem as primeiras eleições livres desde 1976, com a eleição de Raul Alfonsín.

Hoje, ouvindo os ex-combatentes das Malvinas, que seguem ignorados pelas autoridades locais, percebe-se que a Argentina ainda tem muito a avançar no que diz respeito a esse episódio dramático que sepultou mais de mil vidas, entre argentinos e ingleses, nas terras geladas do sul. Os jovens que, naqueles dias, enfrentaram um dos países mais poderosos do mundo em nome de uma quimera, merecem respeito. Eles estiveram na luta, enfrentaram os que lhes eram indicados como inimigos e agora precisam que a Argentina os olhe nos olhos e lhes diga, pelo menos: “gracias”. Já não se trata mais de discutir se foi uma guerra estúpida, e foi, mas de recuperar a confiança daqueles que, de peito aberto, se colocaram na linha de frente para defender seu país. Se os demais combatentes tiveram direitos, eles também os merecem.



Cuba no Carnaval e na P&N



Agradecimento

A equipe da P&N agradece o apoio do SEEB de Florianópolis e Região (Sindicato dos Bancários) e do SindSaúde, Sindicatos graças aos quais, na companhia dos diretores Luiz Avelino Rodrigues e Mara Regina Joaquim Garcia, respectivamente, foi possível a viagem a Chacocó para a realização da reportagem sobre a Sadia (edição 25).

A escola de samba de Florianópolis União da Ilha da Magia foi Campeã do Carnaval em Florianópolis. O desfile, que contou com a presença de Aleida Guevara, médica internacionalista e filha de Ernesto "Che" Guevara, retratou a história do povo heróico de Cuba e de sua revolução socialista, construída desde 1959. A Escola decidiu homenagear no Carnaval os 52 anos da revolução cubana, em 2011, e os festejos pelo bicentenário das independências na América do Sul, iniciados em 2010, para exaltar a luta da ilha caribenha pela liberdade. O samba-enredo foi "Cuba sim! Em nome da verdade".

"Este enredo quer mostrar a saga de um povo que sonhou com a revolução e lutou para conquistar sua independência. A fibra de pessoas simples, alegres, cheias de sonhos e desejos que valorizam o

social, o trabalho, a educação, a cultura e o esporte. Um lugar onde se vive sem miséria ou fome e que mantém acesa a chama dos ideais de liberdade, mesmo com todo o sofrimento do bloqueio que lhes é imposto pela "nação" [os Estados Unidos] à qual eles tiveram a ousadia de dizer não", diz a sinopse do enredo. O carna-

valesco é Jaime Cezário, e os compositores são Júlio Maestri e Vinícius da Imperatriz.

Duas jornalistas da P&N estiveram em Cuba em 2010, assim como o presidente da escola, Valmir Braz de Souza, e a ilha foi o tema de toda a edição 21 da revista. Confira em PDF no endereço <http://desacato.info/pn/revista%2021.pdf>



Fotos: Bárbara Balbis

Umás e outras

Texto: Celso Vicenzi,
de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/SC, Prêmio

Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

AMAR É... - O amor não tem idade. Principalmente para quem tem um bom contracheque.

LIÇÃO - Paquerar é fácil. Aprende-se num piscar de olhos.

COMO FUNCIONA - O problema da aliança PT-PMDB é que um não cede e o outro tem sede.

VIDA DURA - Pobre, o mais próximo que

FILOSOFIA - O tempo é o acordo que a morte assina com a vida.

CUIDADO! - No verão, quem vai à praia tem que arriscar a pele!

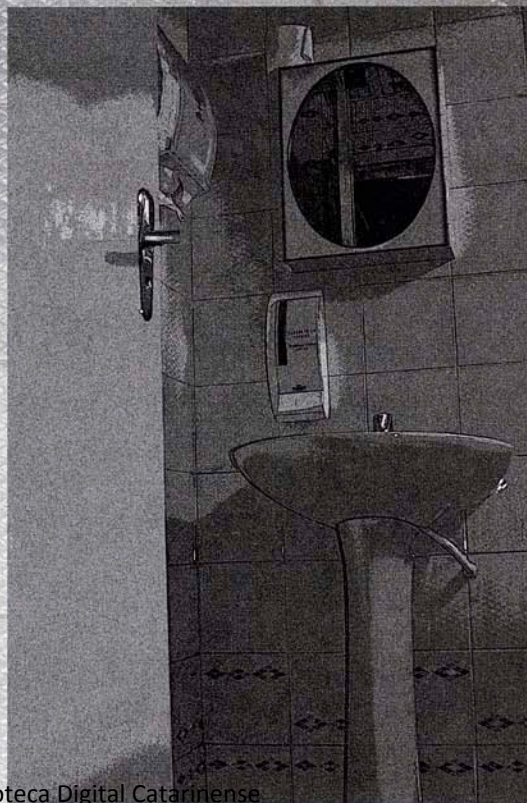
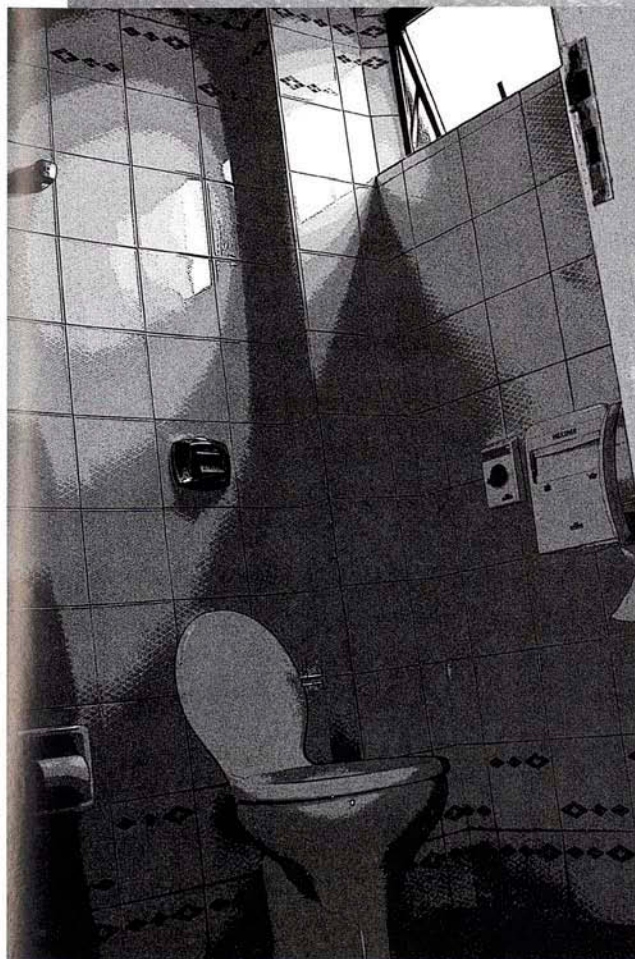
EXPLICAÇÃO - Nunca consigo afogar as mágoas. As minhas sabem nadar.

Ô LÍNGUA! - Um sujeito de grandes predicados costuma receber adjetivos substantivos.

Abraço frio

Por Rosângela Bion de Assis,
de Florianópolis

Fecho a porta e a bolha se abre.
Os barulhos ficam lá fora,
os prazos, as pessoas, os fatos e as listas...
Aqui só eu, e luz, a pia, o vaso, o chão, a ventilação...
Fico ali, viajando,
a tentação é ficar mais,
ser esquecida,
esquecer.
A tentação é recorrente.
Brinco diante do espelho,
conto pedaços de papel,
enumero as ensaboadas nas mãos.
Aqui o tempo não passa,
lá fora ele corre.
O frio abraço do banheiro nada pede,
nada diz,
me aceita de qualquer jeito,
qualquer dia
e eu respiro fundo antes de sair pro mundo.



A sorte da anã Catarina

Texto: Gilberto Motta, de Florianópolis

1

Catarina chegava sempre com o bordão da esperança, "Olha aí, bonito! A cobra tá te perseguindo! O bilhete caiu no teu pé...". Mulher de corpo mínimo, cabelos loiros de tintura barata, seios e pés enormes. Os pés de Catarina eram inacreditáveis. Catarina era uma anã ao contrário: pequena no tamanho, imensa de coração. Vivia ali pelos lados do mercado público e nunca se soube sobre a sua origem.

O negro Adilson saía de Laguna para ganhar a Capital. Desembarcou na ilha como quem desaba de um viaduto. Era engraxate, e dos bons. O sucesso passaria pelo velho mercado. Alguns dias e já era reconhecido pelo brilho nos sapatos dos figurões no Box 32. O tempo - feito a cobra da maçã -, tecia a sua rede e o destino do negro e da anã.

A anã chegava cedo para vender seus bilhetes. Entre uma venda e outra, tecia a suas histórias. Aquela, do ex-garçom do Bar do Gaúcho que a pedira em casamento. A outra, do velho turco anotador do jogo do bicho, que lhe prometera filhos e casa na Lagoa. Há também a lenda do emérito desembargador que, entre um gim e outro, escrevia poesias eróticas e sonhava delírios com a anã. De fato, Catarina provocava fascínios, estranhamentos e insólitas paixões. Adilson era um belo negro. Rapazola ainda, mas pulou cedo dos sapatos brilhantes para o brilho do crack e da malandragem. Subiu o morro da Prainha e se vendeu aos dragões. Logo, o negro lindo estava um trapo.

2

Naquela noite, Catarina sonhou que acertara na loteria, arranjara um amor e sumira para São Paulo. Acordou na mesma hora, acendeu as velas no pequeno altar dedicada

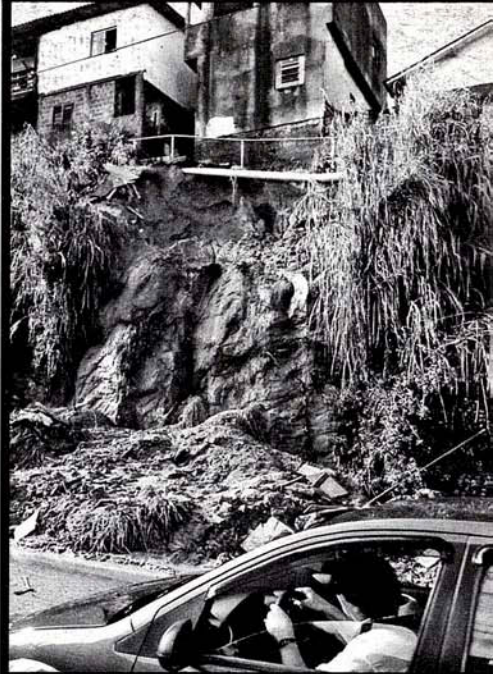
Nossa Senhora do Desterro, produziu a detalhada maquiagem, baforou nos cabelos o laquê barato e partiu para o mercadão. Adilson fumou crack a noite inteira. Acordou com tiros no morro; pegou a caixa e desceu para a cidade. Antes do meio-dia os dois se encontraram pela primeira vez. "Olha aí, bonito! A cobra tá te perseguindo! O bilhete caiu no pé...", disse a anã para o negro. "Quanto é a tira, bonequinha?", respondeu Adilson. "Pra você? Só cinco pilas!", devolveu Catarina com voz sensual. Adilson juntou os trocados e comprou o bilhete da cobra. Era sábado e o mercado público estava em chamas. Até o vento sul abrir um precedente e não soprara na ilha naquele dia. Estranhamente a cidade estava em paz. Os corações de Adilson e Catarina, não. Ao cair da tarde, o primeiro beijo. No início da noite, as carícias mais íntimas. Nas primeiras horas da madrugada, o sexo "com beijo na boca", embaixo da ponte Hercílio Luz. E veio o silêncio.

O corpo miúdo de Catarina foi encontrado no início da tarde em um bebedouro abandonado sob a ponte. As pedras foram insuficientes para ocultá-lo e os pés da anã serviram de faróis para a localização. O negro engraxate se escondeu por uma semana até ser preso. Dias depois, foi assassinado, por espancamento, em uma das celas da cadeia pública. "Justiça de marginal... Ninguém assume a autoria", diria o delegado na TV.

3

Dizem que, ainda hoje, nas manhãs dos sábados de vento sul, na Ilha da Magia, o vulto da anã Catarina pode ser visto negociando seus bilhetes pelas ruas estreitas do centro; os pés enormes, desproporcionais, pisando delicadamente as pedras do

Foto: arquivo Fucas



Barranco que dá medo

Descaso dos órgãos públicos coloca em risco moradores do Morro da Caixa, na Capital

Página 10

**O cansaço
Senta pra jantar
Canta pra dormir
Acorda pra tomar
Café
Pega o ônibus
Pra trabalhar
Com a esperança
De algum dia
Descansar**

PROJETO

Aby
A poesia mais
diversa do Brasil

Uby Oliveira

Fone: (48)32375500